

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL**

**CURSO DE PEDAGOGIA, LICENCIATURA**

**FÁTIMA MOHAMAD FATTAH**

**NARRATIVAS DE FORMAÇÃO DE ACADÊMICOS DO  
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL  
INDÍGENA POVOS DO PANTANAL, DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL, CAMPUS  
AQUIDAUANA, MS**

Campo Grande/MS

2017

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL**

**CURSO DE PEDAGOGIA, LICENCIATURA**

**FÁTIMA MOHAMAD FATTAH**

**NARRATIVAS DE FORMAÇÃO DE ACADÊMICOS DO  
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL  
INDÍGENA POVOS DO PANTANAL, DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL, CAMPUS  
AQUIDAUANA, MS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia, sob a orientação da Profa. Dra. Léia Teixeira Lacerda.

Campo Grande/MS  
2017

**FÁTIMA MOHAMAD FATTAH**

**NARRATIVAS DE FORMAÇÃO DE ACADÊMICOS DO  
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL  
INDÍGENA POVOS DO PANTANAL, DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL, CAMPUS  
AQUIDAUANA, MS**

Trabalho de Conclusão de Curso objetivando a obtenção do grau de licenciado em Pedagogia à Banca Examinadora da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, área de Educação.

Aprovada em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

---

Profa. Dra. Léia Teixeira Lacerda – (UEMS)

---

Profa. Dra. Luci Carlos de Andrade – (UEMS)

---

Profa. Dra. Onilda Sanches Nincao – (UFMS)

Dedico este trabalho aos meus pais Mohamad M. Fattah e Neide de F. Fattah, já não estão mais presentes fisicamente nesta jornada da vida, mas os mesmos deixaram marcas indeléveis em tudo que se referem à minha essência e formação. Ambos não tinham o saber da escrita, no entanto, o amor, o zelo e o carinho foram as cartilhas que me indicaram o caminho.

Dedico também às minhas filhas Juliana, Mayara e Vitória, que serviram de luz nesta minha caminhada. Me deram forças para não desistir de meus sonhos, e cada parágrafo conquistado foi resultado de minhas orações pedindo forças à Deus e das lembranças dos sorrisos de minhas queridas filhas que acreditaram em minha capacidade e determinação.

Aos meus netos Vítor, Vinicius e Maria Alice, que mesmo distantes se fazem presentes em meu dia-a-dia, dando-me a certeza cada vez mais de que plantei algumas boas sementes e agora estou colhendo os frutos. Uma colheita de amor, respeito e a sensação de dever cumprido.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus primeiramente pela força recebida em meus momentos de oração, fazendo-me ter a certeza de que tudo caminha na direção certa quando temos um objetivo.

Agradeço à minha orientadora Profa. Dra. Léia Teixeira Lacerda, que com toda a delicadeza aceitou o desafio de direcionar-me nesta caminhada, mostrando-me o valor da leitura para a elaboração de uma boa escrita, despertando em mim o sentido de autonomia que estava por tempos adormecida.

Agradeço a Profa. Dra. Enilda Fernandes pelas orientações recebidas em sua disciplina Itinerários Científicos III e pelo carinho com que me atendeu nos meus momentos de dificuldades.

Agradeço a Profa. Dra. Maria de Lourdes da Silva que em sua disciplina Itinerários Científicos IV me conduziu a elaborar o presente trabalho, com todo o carinho que a mesma dispensa aos seus alunos.

Agradeço aos colegas que trilharam comigo esta caminhada nesses quatro anos de curso. As experiências de cada um serviram de incentivo para não desistir no meio do caminho.

Agradeço, também, ao meu ex-companheiro Sebastião Xavier Mattos — eterno amigo — sempre presente, dando todo apoio em cada passo em direção à conquista da minha graduação. Palavras como: você consegue, acredito em sua capacidade e força, você é inteligente e vai conseguir vãos mais altos, foram combustíveis diários que recebi para enfrentar essa árdua, mas fascinante empreitada.

Não poderia deixar de agradecer as minhas amigas Maria Aparecida Malheiros e Márcia Aparecida da Silva pelo apoio incondicional durante esses quatro anos, por entenderem a minha ausência como necessária para meu empenho acadêmico.

Cada povo indígena projeta e deseja para si um tipo de alteridade, o que se confunde com a constituição de pessoa, a sua construção e o seu ideal. O ideal de vida de um indivíduo tem a ver com o que é bom para ele e para o seu povo. (LUCIANO, 2006,p. 131).

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso objetiva descrever e analisar as narrativas de acadêmicos/as indígenas, produzidas no momento reflexivo sobre as discussões propostas em sala de aula na disciplina de Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem, no Curso de Licenciatura Intercultural Indígena Povos do Pantanal da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Campus de Aquidauana, por meio da apresentação de imagens de quadros de artistas plásticos nacionais e internacionais como: Salvador Dalí, Clóvis Irigaray, René Magritte, entre outras imagens disponíveis na internet. Assim, buscamos observar o registro das trajetórias de formação desses acadêmicos, sob a perspectiva da educação intercultural, com a finalidade de compreender os caminhos traçados e suas implicações na atuação profissional. Dessa maneira, os acadêmicos do curso de Licenciatura Intercultural Indígena Povos do Pantanal da UFMS de Aquidauana se colocam como protagonistas desta pesquisa e os mesmos deram o suporte necessário para a elaboração dos questionamentos que no decorrer do processo de investigação foram se mostrando imprescindíveis para a compreensão das concepções que serão absorvidas a partir de seus depoimentos em conformidade com a fundamentação teórica. Para a compreensão dos dados desta pesquisa foi feito um levantamento de várias produções acadêmicas, onde autores da área de educação, da linguística indígena e da história da educação escolar indígena deram suas contribuições, tais como Onilda Sanches Nincao e Terezinha de Jesus Machado Maher. Realizar um estudo bibliográfico descrevendo a trajetória histórica da educação escolar indígena e a inserção dos acadêmicos da Licenciatura Intercultural Indígena da UFMS/Aquidauana nesse modelo de educação específica. A pesquisa é de caráter qualitativo em que o tema é visto como um dos aspectos fundamentais na preservação da cultura indígena e, por outro lado, o acesso aos conhecimentos universais como uma forma de assegurar os direitos e a inserção dos povos indígenas na sociedade envolvente e sobretudo na educação. A pesquisa apresentou possibilidades de refletir sobre os resultados que permitiram realizar a trajetória da educação escolar indígena no Brasil a partir de todo um contexto histórico buscando novas práticas para mudar a realidade que está posta e a apropriação dessa educação pelos sujeitos investigados, e por meio do mapeamento das produções acadêmicas apontamos como os pesquisadores têm discutido a necessidade de oferecer uma educação diferenciada e de qualidade aos povos indígenas, argumentando se a elaboração de um currículo pertinente às necessidades de cada etnia atendem aos objetivos exigidos pelos indígenas. Defendemos a ideia de que a cultura universal não deve apagar a cultura tradicional, ao mesmo tempo que entendemos que a temática em questão está longe de ser considerada como definida, pois requer estudos mais aprofundados.

**Palavras-chave:** Narrativas. Tradição. Formação de Professores Indígenas.

## ABSTRACT

This paper aims to describe and analyze the narratives of indigenous scholars, produced in the reflective moment about the discussions proposed in the classroom in the discipline of Developmental Psychology and Learning, in the Intercultural Indigenous Course of Povos do Pantanal Federal University of Mato Grosso do Sul / Campus of Aquidauana, through the presentation of pictures of national and international artists such as Salvador Dali, Clóvis Irigaray, René Magritte, among other images available on the internet. Thus, we seek to observe the record of the trajectories of formation of these academics, from the perspective of intercultural education, with the purpose of understanding the paths traced and their implications in the professional performance. In this way, the academics of the Indigenous Intercultural Licensing Povos do Pantanal UFMS of Aquidauana stand as protagonists of this research and they gave the necessary support for the elaboration of the questions that during the course of the investigation were proving indispensable for the understanding of the conceptions that will be absorbed from their statements in accordance with the theoretical foundation. To understand the data of this research was made a survey of several academic productions, where authors from the area of education, indigenous linguistics and the history of indigenous school education gave their contributions, such as Onilda Sanches Nincao and Terezinha de Jesus Machado Maher. To carry out a bibliographic study describing the historical trajectory of indigenous school education and the insertion of the scholars of the Indigenous Intercultural Degree of UFMS / Aquidauana in this specific education model. The research is qualitative in that the theme is seen as one of the fundamental aspects in the preservation of the indigenous culture and, on the other, the access to the universal knowledge as a way to guarantee the rights and the insertion of the indigenous peoples in the surrounding society and especially in education. The research presented possibilities to reflect on the results that allowed to realize the trajectory of the indigenous school education in Brazil from a historical context searching for new practices to change the reality that is posed and the appropriation of this education by the subjects investigated, and through the mapping of academic productions we have pointed out how the researchers have discussed the need to offer a differentiated and quality education to the indigenous peoples, arguing if the elaboration of a curriculum pertinent to the needs of each ethnicity meet the objectives demanded by the natives. We defend the idea that universal culture should not erase traditional culture, while at the same time understanding that the theme in question is far from being defined as it requires more in-depth studies.

**Keywords:** Narratives. Tradition. Training of Indigenous Teachers.



## LISTA DE SIGLAS

ANAI – Associação Nacional de Apoio ao Índio  
CAE/PREAE – Coordenadoria de Assuntos Estudantis/ Pró-reitoria de Extensão e Assuntos Estudantis.  
CEDI – Centro Ecumênico de Documentação e Informação  
CF – Constituição Federal  
CPAQ – Agência de Tecnologia da Informação e Comunicação  
CPI – Comissão Pró-Índio de São Paulo (CPI/SP)  
CTI – Centro de Trabalho Indigenista  
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
MEC – Ministério da Educação  
MS – Mato Grosso do Sul  
ONGs – Organizações não governamentais  
PROLIND – Programa de Apoio à Formação Superior e Licenciaturas Interculturais  
RCNEI – Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas  
SECAD – Secretaria de Educação, Continuada, Alfabetização e Diversidade  
SPI – Serviço de Proteção ao Índio  
UnB – Universidade de Brasília  
UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
1.1. Educação Escolar Indígena .....	14
1.2. Educação e os Povos Indígenas do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena “Povos do Pantanal” da Ufms/Campus Aquidauana .....	16
<b>2. FORMAÇÃO DE PROFESSORES: A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA NAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS .....</b>	<b>22</b>
2.1 Formação de Professores Indígenas .....	22
2.2. Mapeamento das Produções Acadêmicas sobre a Formação de Professores Indígenas .....	23
<b>3. PERCURSOS E PROCESSOS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES INDÍGENAS DO CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA POVOS DO PANTANAL DA UFMS/CAMPUS DE AQUIDAUANA .....</b>	<b>29</b>
3.1 Apresentação do Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena Povos do Pantanal .....	29
3.2 Momento Reflexivo da Disciplina de Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem .....	34
3.3 Apresentação das Memórias de Formação dos Professores Indígenas Povos do Pantanal .....	36
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>79</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>83</b>
<b>REFERÊNCIAS ICONOGRÁFICAS .....</b>	<b>85</b>
<b>ANEXO .....</b>	<b>87</b>

## INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso visa apresentar uma análise de narrativas de acadêmicos/as, produzidas em momentos de reflexão sobre as discussões propostas em sala de aula na disciplina de Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/*Campus* de Aquidauana, buscando observar o registro da trajetória de formação desses acadêmicos sob o olhar da educação intercultural, específica e diferenciada, e as implicações na atuação profissional desses estudantes.

Debater sobre a formação de professores indígenas e sobre a introdução da língua materna como forma de preservação das tradições e costumes é outro objetivo deste estudo, que tem vistas ainda a apontar os desafios à materialização de uma escola diferenciada e específica de maneira articulada aos conhecimentos tradicionais desses povos.

Nessa seara, tratar a formação de professores indígenas ultrapassa estudar técnicas e metodologias para essa educação, é preciso considerar desde o início o contexto em que esses indivíduos estão inseridos, seu modo de vida, seus anseios, enfim, seu modo de olhar um mundo pertencente a todos, mas com características particulares, que os torna muitas vezes excluídos. Valorizar a identidade do outro é um processo que se constitui a partir do olhar com que ele é visto, e isso só é possível com a compreensão dos sentidos e dos significados de seu espaço, de sua visão e de sua linguagem.

Os pesquisadores têm discutido a necessidade de oferecer uma educação de qualidade aos povos indígenas mostrando seu significado histórico em um cenário de grandes transformações em que essas comunidades deixam de ocupar um lugar de submissão e passividade. Nesse sentido, empreender um novo olhar de significância é, antes de tudo, fazer valer os direitos que são inerentes a toda uma sociedade, indígena ou não.

A educação indígena envolve vários fatores e aborda aspectos peculiares para a finalidade a que se propõe. Esses aspectos se tornam ainda mais evidentes quando se verifica que é preciso organizar uma metodologia que vise atender as necessidades, implicações e contribuições que essa educação pode oferecer. Assim, o processo de educação escolar indígena apresenta desafios a serem superados, posto que precisamos entender a cultura, as diferenças das identidades e a humanidade como um todo, possibilitando um diálogo entre as múltiplas formas de pensar e de viver.

Entretanto, antes de buscar a relação cultura/identidade, é preciso ter a compreensão do outro e isso só acontece por meio das experiências vividas no dia a dia, na observação, nos diálogos com os professores indígenas. A luta desses povos, travada desde os primórdios com os brancos, trouxe grandes desvantagens; no entanto, sua resistência ao processo de submissão e de dizimação contrariou todas as expectativas de que sua identidade étnica ficasse fadada ao esquecimento.

Nesse contexto Maher (1996) aponta que os olhares gananciosos para as terras ocupadas pelos indígenas deram início a uma batalha, pela qual o território ocupado pela Coroa Portuguesa, no período da Colonização do Brasil, propagou massacres e perseguições a esses povos como forma de cercear seu direito de permanência nas terras que ocupavam. Em sua tese de Doutorado, Maher (1996, p. 15) explica:

Não tem sido nada fácil a vida destes “índios” desde então. Em nome, inicialmente, dos reis de Portugal, mais tarde da Santa Madre Igreja e, mais recentemente, dos Evangélicos, do Progresso e do Desenvolvimento, a questão é que os primeiros povos do Brasil e seus descendentes têm sido sistematicamente perseguidos, física e culturalmente, porque eram e são considerados entraves à instalação de uma nacionalidade, uma cultura ou uma religião hegemônica.

Para a autora, a cultura se adapta às mudanças de determinados períodos, assim como para os indígenas. Contudo, as marcas de sua identidade permanecem e, mesmo acompanhando a dinâmica em que estão inseridos, eles não deixam de ser indígenas. Ademais, acompanhar essas mudanças traz sérios transtornos no que diz respeito à manutenção de seus traços culturais, uma vez que, por elas, são vistos de maneira preconceituosa, como não tivessem o direito de usufruir das benesses que o progresso oferece e, por isso, fadados a viverem excluídos da sociedade.

Sobre esse tema, cabe observar que as relações sociais dão suporte para o entendimento da identidade do outro, favorecem a interação e não o isolamento. Para Maher (1996), indivíduo e sociedade estão ligados por diferenças e semelhanças e essa dicotomia é que possibilita emergir o sentido de que cada ser traz em si algo de seu e algo do outro. Dessa forma, o meio social e as relações individuais formam a identidade, e vários aspectos contribuem para essa formação, pois não ocorrem de maneira isolada.

Vivemos hoje em uma sociedade com preconceitos ainda enraizados nas atitudes do passado, em que opiniões formadas podem ser consideradas certas e, portanto, imutáveis, esquecendo-nos que “[...] as culturas são, na sua essência, dinâmicas e estão, por isso mesmo, sujeitas a constantes alterações” (MAHER, 1996, p. 18). A estudiosa esclarece ainda que o

mundo possui uma dinâmica própria, lançando no desenvolver da humanidade novos desafios, novas tendências e possibilidades. Nesses pormenores, é útil salientar a necessidade de buscar alternativas que vão ao encontro dos direitos inerentes a todos os sujeitos, inclusive os pertencentes aos indígenas, seres sociais em permanente contato com a sociedade envolvente.

O tempo exige uma mudança, que direciona os sujeitos para novos caminhos em que os indígenas começam a traçar uma nova trajetória no intuito de mudarem sua realidade. Eles passam a requerer um novo formato de educação a partir de suas necessidades e anseios, sendo o curso de Licenciatura Intercultural Indígena da UFMS de Aquidauana um dos meios para alcançarem seus objetivos.

Para tratar o tema em questão, este trabalho está organizado em três capítulos e em uma apresentação, que discorre sobre as narrativas de acadêmicos/as sobre as discussões propostas em sala de aula na disciplina de Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/*Campus* de Aquidauana.

No primeiro capítulo, é apresentada a trajetória histórica da Educação Escolar Indígena: Educação Escolar Indígena, Educação e os Povos do Pantanal do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da UFMS/*Campus* Aquidauana.

No segundo capítulo, são tratadas de maneira breve a formação de professores: a educação escolar indígena nas produções acadêmicas, a formação de professores indígenas do ponto de vista de teóricos que estudam a temática e um mapeamento das produções acadêmicas sobre o assunto, com o intuito de evidenciar a relação da instituição em estudo com os acadêmicos no sentido de se verificarem não só as determinações sociais que esses acadêmicos exercem dentro do meio escolar, mas também fora dele, buscando mecanismos que modifiquem a realidade social e trazendo novos argumentos para aprimorar seu modo de vida, sua atuação profissional e formação.

Já no terceiro capítulo, serão descritos os percursos e processos na formação de professores indígenas do Curso em questão, com a contextualização de seu Projeto Político Pedagógico e da disciplina de Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem, bem como a apresentação das memórias de formação dos professores indígenas do Pantanal, com vistas a fornecer instrumentos lógicos e conceituais para construir o raciocínio no processo de desenvolvimento desta pesquisa.

Frente ao exposto, para esta investigação, faz-se necessário observar os aspectos histórico, social e educativo que esses acadêmicos estão inseridos nessa formação, o que é apresentado a seguir.

# 1. TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

Este subitem do trabalho visa apresentar a trajetória histórica da educação escolar indígena, discorrendo brevemente sobre essa caminhada a partir de contribuições de estudiosos renomados. Dessa forma, é preciso buscar na memória social fatos que influenciam no presente a cultura e a identidade desses povos, pois o período histórico fomenta conflitos que ainda na atualidade são fatores de discriminação e preconceito. Diante disso, para Nincao (2008, p. 11), é possível observar que “[...] as pesquisas conduzidas nesses contextos estão pautadas em paradigmas teóricos construídos a partir da lógica dos pesquisadores observados e não dos próprios atores sociais”.

## 1.1. Educação Escolar Indígena

Para compreender a educação diferenciada e de qualidade, é preciso antes considerar os termos educação para o índio e educação indígena. Para Nascimento e Vieira (2011, p. 04),

[...] A primeira é caracterizada como a educação colonizadora, integracionista, formal e desintegradora; a segunda seria a educação tradicional da cultura indígena, que se dá no interior das comunidades e sem necessidade da instituição escolar para tanto, orientada pela pedagogia de cada etnia.

Nesses termos, todas as atividades desenvolvidas nas comunidades, a interação dos indivíduos com sua cultura e tradição são formas de aprendizagem em que todos ensinam e todos aprendem. Milhomem (2008) contribui para essa discussão ao afirmar que, historicamente, a educação escolar indígena esteve sob a orientação dos jesuítas até sua expulsão em 1759. Dessa maneira, foram quatro séculos de imposição sistemática de conversão religiosa e de subtração de raízes e de valores culturais, sendo esses povos submetidos à cultura ocidental. Em sua pesquisa, a autora acrescenta que a criação do SPI (Serviço de Proteção ao Índio), em 1910, é um marco importante na vida indígena, com a formulação de uma política indigenista menos solapadora.

Ainda de acordo com Milhomem (2008), na década de 1970, organizações não governamentais<sup>1</sup> defendem a causa indígena, criando comissões, centros e associações para garantir seus direitos. Já a partir dos anos de 1980, as nações indígenas, reunidas em debates, articulam uma nova política indígena, culminando na inclusão, na Constituição de 1988 (BRASIL, 1988), no Art. 210, do direito à implantação de um currículo com vistas a introduzir aspectos diferenciados na educação escolar indígena.

A década de 1990, por sua vez, constitui-se como um marco na educação escolar indígena, com a criação de legislações sobre a educação escolar indígena, assegurando uma educação específica, diferenciada, intercultural e bilíngue ao propor que a escola deve instituir a troca de conhecimentos. Para Milhomem (2008), trata-se de quatro fases que deram voz ao processo de avanço na educação escolar indígena.

Dentre as referidas legislações, que regem a educação escolar indígena e que surgiram com a principal função de defender os direitos dos indígenas e impedir qualquer forma de discriminação, podemos referenciar as Diretrizes para a Política Nacional de Educação Escolar Indígena (BRASIL, 1993) e o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (BRASIL, 1998)<sup>2</sup>. as Diretrizes são definidas como “[...] [um] instrumento para implantação da política de especificidade da educação escolar dos povos indígenas (frente aos não índios) e à sua diversidade interna (linguística, cultural e histórica). (MEC/SECADI, 2016, p. 19).

O Referencial, por sua vez, é um:

[...] Documento que integra a série Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), elaborada pelo MEC, que aponta questões comuns a todos os professores e escolas, esclarecendo e incentivando as pluralidades e a diversidade das múltiplas programações curriculares dos projetos históricos e étnicos específicos (MEC/SECADI, 2016, p. 20).

Parte-se do pressuposto de que todas as relações sociais deveriam se constituir a partir do respeito aos direitos de todos os indivíduos. Diante dessas questões, as políticas públicas vigentes são suportes para que essas garantias legais vigorem para os povos indígenas, mote também de diversas produções acadêmicas, que evidenciam os desafios enfrentados na tentativa de buscar soluções para a questão, como este estudo.

---

<sup>1</sup> Comissão Pró-Índio de São Paulo (CPI/SP), Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI), Associação Nacional de Apoio ao Índio (ANAI) e Centro de Trabalho Indigenista (CTI).

<sup>2</sup> Restringimo-nos a discutir apenas esses dois dispositivos para localizar a pesquisa no universo legal, uma vez que a compreensão dos aspectos jurídicos da questão não faz parte dos objetivos desta pesquisa.



Isso porque entende-se que facilitar os meios de acesso para o conhecimento das políticas públicas direcionadas a essa clientela é primordial para que não só a comunidade indígena, mas toda a sociedade esteja engajada na luta por uma educação eficaz, que transforme o universo do indígena sem, no entanto, apagar sua trajetória, sua cultura e sua história, que fazem parte do meio social em que vivemos.

## 1.2. Educação e os Povos Indígenas do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena “Povos do Pantanal” da Ufms/Campus Aquidauana

Neste item apresentamos aspectos geográficos, históricos, sociais e culturais dos povos indígenas que cursam a Licenciatura Intercultural da UFMS, como já referido, com a finalidade de apresentar ao leitor quem são esses sujeitos.

Porém, para escrever sobre as etnias que ocupam a região do Pantanal, foi preciso buscar na história brasileira o surgimento desses povos e as lutas que tiveram que enfrentar para conseguirem sobreviver. Estas visavam preservar sua língua, seus costumes e suas tradições, que se veem ainda hoje ameaçados pela presença e pela interferência cada vez maior da sociedade envolvente.

O processo de invasão das terras indígenas, as tentativas de escravização dos povos das regiões de Mato Grosso do Sul e as demarcações de terras são alguns dos entraves a serem superados desde tempos remotos, fortalecidos ainda pela invisibilidade por parte da sociedade, que tenta encobrir as dificuldades que essa população vive.

Chamorro e Combès (2015), na pesquisa “Povos Indígenas em Mato Grosso do Sul” (História, Cultura e Transformações Sociais), evidenciam algumas questões que nos permitem compreender a história e a cultura indígenas em Mato Grosso do Sul, permitindo-nos uma visão mais ampla sobre os aspectos discriminatórios e de violência que esses indivíduos vivenciaram. Com isso, é possível afirmar que:

[...] Seja para se apropriarem de suas terras, seja para buscar ouro, escravos ou almas para converter, a violência – física, psicológica, cultural – contra os povos indígenas não é novidade nem em Mato Grosso do Sul, nem em muitos estados brasileiros. Fosse qual fosse o motivo imediato, essa violência sempre foi e continua sendo acompanhada por discursos discriminatórios e racistas que pretendem “justificá-la”. E o racismo, como sabemos, apoia-se, primeiro, em uma negação do diferente, em tal desconhecimento do outro que impede o diálogo e a compreensão mútua (CHAMORRO; COMBÈS, 2015, p. 19).

Para essas autoras, os indígenas ainda são vistos pela sociedade brasileira como incapazes quanto ao processo de civilização, o que dificulta o conhecimento e a garantia de seus direitos como indivíduos. Essa visão faz com que o conhecimento e a garantia de seus direitos ocorra ainda de forma lenta na região.

A luta por uma educação de qualidade, por sua vez, é uma pauta vigente entre os povos do Pantanal, pois a percepção sobre a educação vem transformando seu modo de pensar e reagir em relação às suas necessidades mais urgentes. Essa transformação visa modificar a cultura dominante, procurando observar alguns tópicos de suma importância na promoção de uma escola que objetive não somente a troca de conhecimentos, mas também a garantia de suas identidades:

A expectativa da participação dos saberes locais (conhecimentos tradicionais), no cotidiano da escola indígena, além do caráter político de respeito à diferença, tem como pressuposto a interculturalidade que exige procedimentos no sentido de: desterritorializar o mapa das culturas dominantes que, historicamente se colocaram como únicas a serem transmitidas apropriando-se da mesma naquilo que ela tem de relevante para a autonomia de cada povo e, ao mesmo tempo, considerar os chamados saberes tradicionais em um contexto historicamente dinâmico e em constante processo de tradução e ressignificação (URQUIZA, 2016, p. 205).

Diante de uma educação intercultural, específica, diferenciada e de qualidade, é possível atender a diversidade, observando aspectos distintos de cada etnia e cumprindo o real papel escolar de transmitir conhecimentos, um direito inalienável de todos os sujeitos de acordo com suas peculiaridades. Para isso, faz-se necessário “[...] o protagonismo de cada povo na elaboração de políticas e gerenciamento no atendimento às suas necessidades e de seus projetos de vida” (NASCIMENTO; VIEIRA, 2011, p. 04).

Buscando atender aos anseios da população indígena, o curso de Licenciatura Intercultural fornece o suporte necessário para que os alunos sejam motivados a seguirem seus estudos na formação em serviço por meio do PROLIND (Programa de Apoio à Formação Superior e Licenciaturas Interculturais), este que conta “[...] atualmente [com] vinte Instituições de Educação Superior [que] desenvolvem Licenciaturas Interculturais Indígenas: 14 federais, 04 estaduais e 02 institutos federais” (MEC/SECADI, 2016, p. 25), o que possibilita agregar novos valores aos já constituídos tradicionalmente.

Cabe destacar também que esse curso atende aos “Povos do Pantanal”, contemplando principalmente os acadêmicos/professores das etnias Atikum, Guató, Kamba, Kadiwéu, Kinikinau, Ofayé e Terena. Assim, diante de diferentes modos de vida, é possível

encontrar características próprias de cada grupo étnico que evidenciam sua diversidade cultural. Cada grupo busca sua forma de sobrevivência, aquela que melhor se adequa a seu estilo de vida. Nesse sentido, as várias etnias apresentam diferenças culturais que as definem e que as tornam únicas, com sua linguagem própria, sua maneira de se relacionar com a natureza e com as pessoas, enfim com as características herdadas de seus ancestrais que, se não forem fortemente preservadas, estarão fadadas ao desaparecimento.

De acordo com dados obtidos sobre os povos indígenas no Brasil, mais precisamente sobre os do Pantanal sul-mato-grossense, pudemos obter algumas informações sobre as etnias estudadas nesta pesquisa. O povo Atikum, por exemplo, é proveniente do sertão de “[...] Pernambuco e chegou ao Mato Grosso do Sul no início da década de 1980” (VIEIRA, 2013, p. 47). Eles são falantes apenas do português e sua situação é bastante precária, o que os leva a buscarem “[...] junto aos órgãos competentes [...] uma melhor condição de vida” (VIEIRA, 2013, p. 48). Essas dificuldades vinculam-se às terras improdutivas que foram cedidas e, por essa característica, “[...] não conseguem retirar mais do que uma roça de subsistência (mandioca, abóbora, feijão, etc)” (VIEIRA, 2013, p. 48).

Em relação à cultura desse povo, uma das manifestações culturais que os Atikum realizam na comunidade é o Toré, que nada mais é do que “[...] um ritual realizado a noite, com a presença de muitas pessoas, [no qual] apenas os homens dançam [e pelo qual] demandam por um pedaço de terra para dar continuidade a sua produção cultural e física, a plantar e colher e dançar e cantar o Toré” (VIEIRA, 2013, p. 49).

Outro grupo indígena existente em Mato Grosso do Sul é o Guató:

O povo Guató é um dos cinco povos que sempre habitaram e habitam as terras do atual Estado do Mato Grosso do Sul. Conhecidos como índios canoieiros ou simplesmente índios d'água, o povo Guató localiza-se em uma região marcada por uma extensa planície alagável, mais conhecida como Pantanal (VIEIRA, 2013, p. 39).

Para esse autor, a organização dos grupos acontece de forma diferenciada. pois os Guató “[...] não se organizam em aldeamento, mas em famílias nucleares autônomas, independentes e espalhadas pelo território que ocupam” (VIEIRA, 2013, p.40), o que implica dizer que se organizam de acordo com as condições favoráveis ou não a sua permanência no local, que contribuem diretamente no cultivo de suas hortas, “[...] plantando mandioca, milho e cereais de variadas espécies [e colhendo] nas matas aquilo que era necessário para sua sobrevivência” (VIEIRA, 2013, p. 42).

No que diz respeito à língua dos Guató, “[...] sua filiação linguística Jê continua incerta até os dias atuais” (VIEIRA, 2013, p. 40), dados os “[...] diversos processos de exploração e inúmeras tentativas de expulsão” (VIEIRA, 2013, p. 43) de suas terras por que passaram. Por isso, “[...] grande parte da população deixou de falar a língua, realizar cultos tradicionais e não estimulam as crianças a aprenderem o idioma” (VIEIRA, 2013, p. 44).

Os Kadiwéu são outra etnia que habita as terras sul-mato-grossenses. De acordo com Vieira (2013), são descendentes da família dos Mbayá-Guaikuru e foram importantes para a história do Brasil, pois “[...] transformaram-se em um dos principais obstáculos às frentes colonizadoras, tanto espanhola como portuguesa [haja vista a] a grande habilidade, a resistência física e o caráter guerreiro dos indígenas que souberam incorporar o cavalo europeu” (VIEIRA, 2013, p. 31). Nessas lutas, eles “[...] estiveram sob a influência de jesuítas espanhóis para a catequização, mas não houve êxito para estabelecer uma missão” (VIEIRA, 2013, p. 32). Atualmente, os Guató:

“[...] Vivem em pequenos grupos (núcleos), no interior da Terra Indígena, preservando muito de sua cultura e praticando atividades de subsistência, cultivando, sobretudo, milho, arroz, feijão e mandioca em pequenas roças, [com] a prática do artesanato e a pintura corporal [que contribuem para sua] afirmação identitária” (VIEIRA, 2013, p. 35).

Os índios Kinikinau, por seu turno, pertencem ao subgrupo Guaná e ao grupo linguístico Aruak (SILVA, 2004; CASTRO, 2005 apud VIEIRA, 2013, p. 44) e, tendo sido expulsos de suas terras, “[...] sofreram duas dispersões ao longo de sua história” (VIEIRA, 2013, p. 44):

A primeira dispersão está registrada pelos historiadores por volta do século XIX, mais notadamente para a Guerra do Paraguai. Durante a Guerra, os índios foram obrigados a prestarem serviços aos brasileiros, fornecendo alimentos aos soldados e, provavelmente, combateram no intuito de defender a sua terra (VIEIRA, 2013, p. 44-45).

Esses aspectos podem ter favorecido uma adaptação em seu modo de vida, uma adequação nas relações com outros povos no sentido de garantirem sua sobrevivência, organizando estratégias “[...] na luta pelos seus direitos e pelo seu devido reconhecimento junto ao órgão indigenista e à sociedade nacional” (VIEIRA, 2013, p. 47). Todavia, “[...] o povo kinikinau espera nos dias atuais [...] readquirir a posse de suas terras tradicionais para reconstruir sua vida, história e cultura” (VIEIRA, 2013, p. 47).

Quanto aos Ofaié, “[...] os primeiros registros aparecem no século XVIII, sempre descritos, na maioria das vezes, de uma forma genérica” (VIEIRA, 2013, p. 36). Essa população indígena “[...] caracteriza-se por apresentar traços marcantes da cultura indígena: vive da caça e da colheita” (VIEIRA, 2013, p. 36) e sua história foi marcada por tensas ocupações de território, que requerem ainda na atualidade algumas soluções por parte do governo federal:

Até o início do século XX, os Ofaié eram milhares e habitavam a margem direita do rio Paraná, desde a foz do Sucuriú até as nascentes do Vacaria e Ivinhema. Sempre em pequenos grupos, viviam em constantes deslocamentos ao longo dessa região. Seu território foi ocupado por fazendas de pecuária e apenas na década de 1990, quando só restavam algumas dezenas de sobreviventes, conseguiram recuperar uma pequena porção de suas terras, as quais até hoje não foram homologadas pela presidência da República. (<https://pib.socioambiental.org/pt/povo/ofaie>)

Vieira (2013, p. 39) indica que essa população, “[...] segundo o último senso (IBGE, 2010), é estimada em pouco mais de 70 pessoas, sendo todas residentes na Aldeia Indígena Ofayé, com apenas alguns idosos falantes da língua”.

Sobre os Terena, o mesmo autor explica que:

[...] [São] remanescentes do grupo Txané-Guaná, visto que, os Guaná são uma sociedade composta por grupos que além dos Terena (Etelenoé), destacam-se os Laiana, Echoaladi e os Kinikinau. Fazem parte da família linguística Aruak, e por isso os Terena apresentam várias características socioculturais resultantes dessa tradição (VIEIRA, 2013, p. 27)

Ademais, “[...] em muitos documentos, os indígenas aparecem ora como índios Guaná, ora como índios Txané, uma designação especial, dada pelos conquistadores espanhóis aos Grupos Guaná-Txané, inclusive os que migraram para o lado oriental da Bacia do Paraguai, na região atual do Mato Grosso do Sul” (VIEIRA, 2013, p. 27-28).

A presença da população Terena nos centros urbanos “[...] leva esses índios a serem considerados ‘índios civilizados’, ou ‘aculturados’ ou ‘índios urbanos’. [Com isso,] muitas pessoas com certeza desconhecem o cotidiano dessas aldeias, principalmente Terena, ou talvez, até não saibam da existência”. (VIEIRA, 2013, p. 31).

Já no texto “Povos indígenas e o tema da diversidade linguística” (SOUZA, 2013), também publicado no livro “Culturas e histórias dos povos indígenas em Mato Grosso do Sul”, a autora faz considerações sobre a etnia Kamba:

Os Kamba, considerados por alguns como mestiços de colonizadores com indígenas do oriente boliviano, segundo relatos, vieram da Bolívia, fixaram moradia nas imediações da cidade de Corumbá, Mato Grosso do Sul há aproximadamente cinco décadas. Atualmente, a população é estimada em 300 habitantes, não temos dados oficiais. Esse povo está no processo de transição entre o evitar assumir a identidade indígena e a luta pelo seu reconhecimento como povo indígena, junto aos órgãos oficiais, FUNAI e Funasa, atual SESAI (SOUZA, 2013, p. 93).

Além dessas, é preciso considerar novas pesquisas quanto à origem desses indivíduos, pois, segundo Souza (2013, p. 93), “[...] não foram encontrados dados sobre a língua ou aspectos culturais. [...] Por ser um povo ainda recente no estado, não há estudos linguísticos, pelo menos disponíveis ou acessíveis para pesquisa”.

Procuramos entender como essas etnias se constituem para termos uma visão mais ampla sobre o processo de ensino/aprendizagem dos participantes do curso de licenciatura indígena da UFMS/Aquidauna.

## **2. FORMAÇÃO DE PROFESSORES: A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA NAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS**

A maior dificuldade em entender o processo de formação de professores indígenas talvez seja resultado da falta de conhecimento em relação à história desses povos, algo pouco questionado em sala de aula ou mesmo comentado de forma superficial, o que não condiz com a realidade que esses indivíduos carregam em seu percurso na vida, com os estigmas que recebem ou com os preconceitos a que são expostos desde tempos longínquos, mas que ainda perpetuam.

Nesse sentido, é preciso rever a história para compreendermos, ao menos minimamente, esse contexto e buscar respostas para tantas incertezas que esses indivíduos carregam por terem uma vida diferenciada daquela que se pensa ser a ideal e a mais condizente com a sociedade envolvente.

### **2.1 Formação de Professores Indígenas**

Para os indígenas, sua trajetória pode ser um caminho a ser percorrido em busca de valorização, aceitação do diferente e determinação. Com isso, a formação de professores indígenas exige uma série de mudanças e alternativas para eles se colocarem diante dos desafios que surgem. Entretanto, antes é necessário entender o processo de educação indígena e o de educação escolar indígena, visto que ambos se desenvolvem de maneira distinta.

De acordo com Maher (2006, p. 17), a educação indígena acontece no dia a dia, de modo que a tradição, a cultura e as atividades desenvolvidas são passadas pelas gerações e as quais todos ensinam e todos aprendem. Dessa maneira, existe toda uma preparação para que esse indivíduo exerça sua capacidade para colaborar com o seu grupo. “[...] Esse empreendimento, é preciso entender, não implica, não ‘passa’ por conhecimento escolar algum” (MAHER, 2006, p. 17).

Já pela educação escolar indígena, “[...] é preciso agora também conhecer os códigos e os símbolos dos ‘não-índios’, já que estes e suas ações passaram a povoar o entorno indígena” (MAHER, 2006, p. 17).

Nesse contexto, o professor indígena tem um importante papel social diante de sua comunidade, sendo que, como responsável pela transmissão de conhecimentos, tanto tradicionais como universais, pode auxiliar o desenvolvimento da capacidade crítica do

indivíduo. Para tanto, esses docentes precisam de uma forma própria de ensino, baseada em currículos e legislações específicas, o que possibilita sua qualificação para exercerem a função de educadores em suas comunidades. Essa qualificação requer atenção dos sistemas estaduais de ensino, “[...] a quem cabe a responsabilidade institucional e legal pela formação dos professores indígenas”(BRASIL, 2005, p. 10).

De acordo com os Referenciais para a Formação de Professores Indígenas, cabe observar que a qualificação desses profissionais deve estar voltada para uma formação continuada e licenciatura em nível superior, o que favorece o processo de ensino-aprendizagem dos alunos, principalmente quando se tem conhecimento das inúmeras diferenças que caracterizam o grupo em que esses formadores estão inseridos. Outrossim, sua função maior perante a comunidade é dar respostas aos anseios e às necessidades comunitárias, buscando meios para superar conflitos por meio do diálogo e de alternativas capazes de atender ao grupo como um todo.

Essa qualificação tem o papel social de relacionar o universo do educador ao mundo envolvente, o que significa que nesse processo de trocas é possível conhecer novas culturas, aprender novos valores e buscar uma nova visão das coisas que acontecem fora da comunidade, mudando não só a realidade escolar indígena como a dos professores. Contudo, para isso, “[...] os programas de formação precisam dar conta de formar professores indígenas para a pesquisa e para a reflexão pedagógica e curricular” (BRASIL, 2005, p. 23).

Ainda de acordo com esse documento, deve-se acrescentar que é por meio do Projeto Político Pedagógico (PPP) pensado e elaborado com as propostas dos envolvidos pela comunidade indígena que o planejamento da formação desses professores toma um formato específico, que pode promover uma mudança da realidade escolar indígena por meio de uma educação diferenciada, intercultural e de qualidade.

## 2.2. Mapeamento das Produções Acadêmicas sobre a Formação de Professores Indígenas

Como já mencionado, o objetivo geral desta pesquisa é compreender a trajetória da educação escolar indígena no Brasil e, a partir do mapeamento das produções acadêmicas que versam sobre o tema, apontar como os pesquisadores têm discutido a necessidade de oferecer uma educação escolar indígena de qualidade e caracterizar os desafios à materialização de uma escola intercultural, específica, diferenciada e de qualidade.



Com vistas a esse fim, fizemos um levantamento preliminar de produções acadêmicas, entre elas as de Bergamaschi (UFRGS) e de Alves (UnB), ambas que estudam a temática e orientam suas discussões em favor de uma escola que ofereça aos indígenas uma formação específica, mas com os conhecimentos universais que lhes permitam garantir seus direitos na condição de cidadãos.

Bergamaschi (2010), em seu artigo “Tradição e memória nas práticas escolares Kaingang e Guarani”, relata suas observações e reflexões sobre a pesquisa realizada no Rio Grande do Sul com a finalidade de compreender como ocorre a construção dos saberes dessas comunidades, de maneira articulada ao saber tradicional e ao oficial, este mais relevante para os não indígenas para a produção do conhecimento.

A autora destaca a importância de saberes, tradições e memórias dos mais velhos como parte de um modelo de escola diferenciada e capaz de manifestar seus conhecimentos, os quais são mormente creditados aos idosos. Ela também afirma que etnia tem sua especificidade, por isso há a necessidade de formar uma escola com propostas pedagógicas apropriadas ao modo de vida de cada um. Segundo Bergamaschi (2010, p.134), os professores dessas aldeias afirmam que “[...] os velhos são nossas bibliotecas”. Assim, apropriam-se desses saberes e os aplicam em suas escolas como forma de preservar suas culturas e tradições.

Ainda de acordo com Bergamaschi (2010), uma nova escola indígena surge ao se romper o modelo de escola tradicional que vem sendo aplicado há mais de quinhentos anos, considerando a língua materna, que tem sua prática em meio aos estudantes que não somente a desenvolvem entre si, mas juntamente com seus familiares, e ainda que a preservação dessa identidade é um dos fatores que levam as lideranças das aldeias a refletirem sobre essas questões e: “[...] terem uma atitude de pre-ocupação, no sentido de se ocuparem com discussões acerca das práticas escolares na aldeia, a fim de preservar o modo de vida indígena ante as mudanças que essa instituição pode provocar” (BERGAMASCHI, 2010, p.139).

Haja vista essa realidade, as escolas que se instalam em suas comunidades devem procurar adequar seus saberes aos locais, preconizando a elaboração de uma proposta pedagógica que acrescente novos conhecimentos sem negligenciar tradições. É preciso preservar a cultura para que a história não se perca, como vimos no caso dos Kaingang e Guarani (BERGAMASCHI, 2010).

A proposta de uma escola específica e diferenciada é um assunto de extrema importância nessas aldeias, pois a presença de não indígenas e de tecnologias acaba por influenciar os mais jovens, que se veem encantados por outra cultura, são influenciados por

ela e abandonam seu modo de ser indígena. Por isso, as lideranças das aldeias desejam uma educação que preserve sua identidade e não um método rígido que não prima por esse objetivo. diferenças das

Bergamaschi (2010) apresenta ainda algumas diferenças entre as escolas nas aldeias Kaingang e Guarani quanto a sua pedagogia; no entanto, as semelhanças em preservar sua identidade étnica, seus saberes ancestrais e sua tradição são fortemente defendidas em ambas, mesmo porque esse é o meio mais eficaz para perpetuar sua história.

Sabe-se que a educação indígena no Brasil sempre teve um modelo “integracionista e civilizador” (BERGAMASCHI, 2010, p. 134), sem se preocupar com um método que estivesse em conformidade com seu modo de vida, seus saberes e sua concepção de mundo. De acordo com a autora, essa educação, atualmente, está conquistando seu lugar, pois os povos que estavam esquecidos na história estão passando a serem vistos nos debates referentes à educação formal.

Quanto à generalização dessas populações, deve-se considerar que cada etnia, cada aldeia tem suas características próprias, o que faz com que suas escolas tenham modelos diferenciados. Nas aldeias onde as pesquisas de Bergamaschi (2010) foram desenvolvidas, nota-se um modelo de escola maleável, pelo qual as crianças aprendem o que é transmitido pelos mais velhos, como a prática da caça, da pesca e a agricultura, mesmo vivendo hoje em lugares reduzidos.

Indica também a estudiosa que as crianças vão à escola quando têm vontade, sem a obrigatoriedade de cumprir um determinado horário. Há um interesse e uma preocupação dos mais antigos da tribo em promover uma escola que respeite a tradição indígena, preservando o que foi construído ao longo da história e possibilitando a esses indivíduos que se constituam como cidadãos de direitos e deveres de uma sociedade.

Outro trabalho acadêmico que contribuiu para as reflexões da presente pesquisa foi o de Alves (2002), que desenvolveu sua investigação sobre o reconhecimento dos direitos dos povos indígenas ao estudar a educação escolar específica, diferenciada, intercultural e bilíngue/multilíngue, tendo como foco a atuação de organizações indígenas, professores e políticas públicas com o objetivo de promover leis e estatutos que garantam os direitos de cidadania dos indígenas.

Para esse autor, a educação bilíngue se faz presente em vários países, inclusive no Brasil, o que se reflete na política, promovendo alterações legais e constitucionais, bem como o surgimento de organizações indígenas para apoiar e implementar esse novo método de

ensino. Segundo Alves (2002), somente com a Constituição de 1988 foi dado aos indígenas o direito de exercerem sua cultura, costumes, línguas, crenças e tradições.

Alves (2002) ainda defende que as escolas indígenas devem ter características em acordo com o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI) (BRASIL, 1998), ou seja, com vistas à elaboração de um trabalho específico e diferenciado no âmbito escolar indígena, que é a base primordial para a execução e a implementação de uma educação que respeite o multilinguismo, a interculturalidade e as especificidades socioculturais das comunidades em que se realiza.

Evidenciar as discussões em torno do desenvolvimento escolar indígena e os métodos utilizados pelos professores, assim como as políticas públicas vigentes que defendem uma educação intercultural é uma das formas de trazer à baila problemáticas sociais e adversidades que desafiam a escola brasileira, como escreve Alves (2002, p. 24):

Assim sendo, estamos assistindo a um processo em que as organizações indígenas, juntamente com a recém-criada categoria dos professores indígenas, em articulação com instâncias estatais, têm participado da formação de políticas públicas que, vinculadas com as reformas educativas, possibilitam a construção de uma nova escola indígena e, portanto, de uma nova concepção de cidadania.

É possível perceber, pois, que o debate instituído em torno da questão da educação escolar indígena traz novas possibilidades no processo de ensino e aprendizagem, o que proporciona ao aluno indígena condições para que atue em igualdade de condições com os indivíduos das comunidades não indígenas.

Enfim, podemos observar que os autores discutem elementos que dão suporte para a construção de uma escola específica e diferenciada, apoiada em uma pedagogia própria e pela qual o indivíduo indígena possa se beneficiar e conquistar seus direitos.

Além disso, também observamos nesses trabalhos a concordância entre eles no que diz respeito aos métodos utilizados para a formação da educação bilíngue indígena quando se referem às lutas, às opressões que esses povos ainda hoje enfrentam devido ao fardo preconceituoso que são obrigados a carregar, esquecidos de suas tradições, destituídos de seus direitos e tratados como seres inferiores em uma sociedade que faz questão de excluí-los do convívio social, a que todos temos direitos.

As produções acadêmicas sobre a formação de professores indígenas evidenciam assim a trajetória desses indivíduos na busca por uma educação diferenciada e de qualidade, o que me levou a buscar mais informações a respeito dessa educação. Para isso, a coleção

“Educação para todos – formação de professores indígenas: repensando trajetórias” foi de fundamental importância, pois concorda com os autores estudados quando trata a demanda que essa educação diferenciada necessita para sua efetiva realização nas escolas indígenas. A pesquisa de Bergamaschi e Alves se concentra na proposta de uma educação diferente dos moldes daquela imposta aos indígenas e por eles incorporada em sua realidade atual, principalmente com o intuito de mudar a visão deturpada que foi contruída em torno da população indígena.

Grupioni (2004, p. 40), sobre o tema, esclarece que:

Nesses mais de 500 anos de história do Brasil, os povos indígenas foram vistos e interpretados de diferentes formas. O questionamento sobre que papel eles poderiam desempenhar na formação da sociedade brasileira pautou diferentes práticas a eles dirigidas. Entre o bom e o mau selvagem, a visão de que os índios eram entraves ao progresso, que precisavam ser civilizados, salvo enquanto indivíduos, aniquilados enquanto povos culturalmente diversificados, impôs-se como paradigma até bem pouco tempo atrás.

Frente a esse panorama, é preciso buscar um novo caminho, mudar essa rota de estagnação e inserir os indígenas no contexto da formação da sociedade brasileira, como parte integrante de uma cultura e de tradições que não podem se perder no tempo e no espaço. Isso tudo nos remete a uma estruturação escolar em conformidade com as diferentes formas de visão de mundo de cada comunidade indígena. Durante o processo histórico em que várias dessas formulações de políticas para os indígenas foram sendo construídas com o intento de civilizá-los, suas lutas pela preservação de suas identidades serviram para ressignificar o sentimento de valorização de suas diferenças perante a coletividade. Essa valorização, como já mencionado anteriormente, foi firmada na Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988) a partir da garantia de seus direitos, inclusive no que diz respeito a sua educação, o que equivale a afirmar que:

[...] A educação escolar em terras indígenas é hoje um desses espaços em que se defrontam concepções e práticas sobre o lugar dos índios na sociedade brasileira, onde leis inovadoras se defrontam com práticas arcaicas, onde os povos indígenas têm buscado o exercício de uma nova cidadania (GRUPIONI, 2004, p. 42).

Esse autor afiança também que há uma reivindicação consistente por parte da comunidade indígena por uma educação diferenciada e de qualidade, de modo a findar o processo de educação missionária e civilizatória ao buscar um novo conceito de educação que englobe o sentido de pertencimento a valores e tradições.

Nesse viés, a submissão imposta no processo histórico não cabe mais como instrumento de alienação e a escola, que era vista com esse fim, hoje se torna um instrumento de luta para acabar com a desigualdade, desenvolvendo novos padrões de condutas socioculturais. Com isso, é possível aos indígenas adquirirem autonomia e liberdade para atuarem em seu processo de desenvolvimento e na maneira de conduzirem suas próprias vidas, encontrando a melhor solução para superar todos os desafios.

### **3. PERCURSOS E PROCESSOS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES INDÍGENAS DO CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA POVOS DO PANTANAL DA UFMS/CAMPUS DE AQUIDAUANA**

Neste capítulo, apresentamos de maneira breve dados do Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena Povos do Pantanal, implementado no *Campus* de Aquidauana/MS, com a finalidade de compreendermos a proposta de formação superior oferecida pela referida instituição a partir desse curso, iniciado em dezembro de 2010.

#### **3.1 Apresentação do Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena Povos do Pantanal**

A proposta do Projeto Político Pedagógico foi aprovada pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul por meio da Resolução nº 201, publicada no Diário Oficial em 16 de julho de 2012, observando todos os itens pertinentes à elaboração e à concretização do referido documento, o que compreende o cronograma e o número de semestres a serem definidos para a concretização do curso.

O documento visa tratar as necessidades educativas dos povos do Pantanal, tendo em vista os métodos peculiares de suas tradições a fim de buscar soluções adequadas para a aplicação diferenciada e intercultural do processo de ensino e aprendizagem, considerando que todo indivíduo traz em si características do meio em que vive, o que influencia sua maneira de agir, de falar e de pensar.

Assim, o projeto congrega questões de maior relevância, estruturando caminhos e trajetórias de formação em busca de soluções e possibilidades que vão ao encontro das necessidades dos povos indígenas dessa região. Verifica-se que há uma atenção especial quanto à relevância de quesitos que contribuam para promover a compreensão dos acadêmicos por meio de uma educação de qualidade que aporte toda a equipe envolvida. Assim, intenta-se que métodos de ensino caminhem lado a lado às especificidades de cada um e aos conteúdos a serem estudados.

Com base no documento mencionado, apresentamos a seguir as tabelas referentes a duração do curso, um breve resumo da carga horária e as etnias beneficiadas com um calendário flexível que permitem o aproveitamento máximo das disciplinas disponibilizadas a esses estudantes.

**Tabela I – Carga horária curricular**

<b>I - Tempo Útil</b>	
a) tempo útil CNE:	2800 horas
b) tempo útil UFMS:	3074 horas

Fonte: UFMS (2012).

**Tabela II – Divisão dos Núcleos**

<b>Resumo da Carga Horária (hora/aula)</b>	
Núcleo Comum de Estudos Básicos	1.156
Licenciaturas Específicas	1.173
Conteúdos de Dimensões Práticas	1.122
Atividades Complementares	85
<b>Total Geral</b>	<b>3.536</b>

Fonte: UFMS (2012).

**Tabela III – Povos do Pantanal**

<b>Etnias</b>	
Atikum	Kinikinau
Guató	Ofaié
Kamba	Terena
Kadiwéu	

Fonte: UFMS (2012).

É importante destacar que o projeto político pedagógico do curso de Licenciatura Intercultural para os Povos Indígenas dos Territórios Etnicoeducacionais, Povos do Pantanal da UFMS teve sua origem na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS em 2002, com a finalidade de formar professores indígenas para as séries finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Nesse processo histórico, a UEMS buscou, em 2002, por meio do Núcleo de Pesquisas em Questões Indígenas, elaborar um projeto de formação de professores indígenas com a finalidade de oferecer uma licenciatura específica. Em 2003, foi instituída uma comissão envolvendo professores das universidades UEMS, UFMS e UCDB (Universidade Católica Dom Bosco) para a elaboração do projeto. Em razão de questões históricas e da

conjuntura política da época, a referida comissão<sup>3</sup> optou por atender apenas a etnia Guarani, motivo que levou a ser criada outra comissão, coordenada então pelo professor Wanderley Cardoso, representante do povo Terena.

Essa proposta inicial foi adiada por um período aproximado de seis anos, quando finalmente foi concretizada, cuja primeira versão foi elaborada e redigida pela professora Claudete Cameschi de Souza, sendo incluídos posteriormente aspectos específicos das etnias Atikum, Guató, Kamba, Kadiwéu, Kinikinau, Ofaié e Terena pelo professor Antonio Hilário Aguilera Urquiza (UFMS, 2012, p. 03).

Para tanto, as professoras Claudete Cameschi de Souza e Onilda Sanches Nincao (UFMS/CPAQ) utilizaram-se desses dados para reformular o projeto, com base nas necessidades e anseios dos povos em questão:

A proposta tem como objetivo criar e implantar o CURSO DE LICENCIATURA PLENA – INTERCULTURAL INDÍGENA – POVOS DO PANTANAL, no contexto dos Atikum, Guató, Kamba, Kadiwéu, Kinikinau, Ofaié e Terena – Povos do Pantanal, na modalidade de regime especial, presencial, em módulos de “alternância”, a ser desenvolvido nas dependências da UFMS, no Câmpus de Aquidauana, por profissionais das universidades parceiras e da Secretaria de Estado de Educação, em cuja jurisdição encontram-se comunidades das etnias Atikum, Guató, Kamba, Kadiwéu, Kinikinau, Ofaié e Terena (UFMS, 2012, p. 04).

O curso visa à capacitação em serviço, atendendo inicialmente os professores e gestores escolares em suas necessidades formativas, já que a demanda das escolas indígenas é grande e o número de profissionais capacitados é insuficiente, sendo necessário adequar o período para ministrá-lo. A partir dessa conjuntura,

[...] Sugeriu-se que o curso fosse concentrado, a maior parte dos dias letivos, na etapa **Tempo Universidade**, no período de férias escolares, ou seja, nos meses de janeiro, fevereiro e julho, enfatizando que isso facilitaria o acesso da clientela ao campus de Aquidauana (UFMS, 2012, p. 04).

De acordo com o projeto em pauta, a estrutura e o funcionamento do curso seguem todas as normas de administração, permitindo que suas atividades sejam exercidas de forma competente e que atinjam seus objetivos, o que inclui a atuação de um gestor, “[...] que tem o papel político administrativo de articular o curso com as instâncias das instituições municipais, estaduais e federais” (UFMS, 2012, p. 06).

---

<sup>3</sup> Comissão Interinstitucional formada por professores da UEMS, UFMS e UCDB para a elaboração do Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura Intercultural para professores Indígenas das etnias do Estado de Mato Grosso do Sul.



O coordenador de curso, por sua vez, “[...] tem o papel político-pedagógico de articular as ações pedagógicas junto ao corpo docente e discente do curso, sendo o presidente do Colegiado de Curso” (UFMS, 2012, p. 06), este que se trata de “[...] instância colegiada, com função consultiva, avaliativa e deliberativa” (UFMS, 2012, p. 06). Cada um desses agentes tem, pois, responsabilidades pré-definidas e em consonância com os encargos estabelecidos, além de haver a supervisão das atividades acadêmicas e o envolvimento da Instituição com a comunidade.

Quanto à atenção voltada aos discentes, a CAE/PREAE (Coordenadoria de Assuntos Estudantis/Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Estudantis) (UFMS, 2012, p. 09-10) é o órgão responsável para atender aos acadêmicos, oferecendo desde a assistência odontológica e psicológica até a financeira, necessárias em todas as etapas do curso. Os critérios para ingresso e seleção beneficiam os professores indígenas das etnias citadas anteriormente, o que lhes permite ampliar seus conhecimentos e capacitá-los para interagir em meio à sua comunidade, e avaliam os conhecimentos gerais e específicos de cada etnia, além de serem coordenados por uma comissão que permite conhecer o desempenho dos candidatos (UFMS, 2012, p. 10).

Sobre a concepção de curso e a articulação entre os conteúdos e a metodologia, o documento assim preleciona: “[O curso de Licenciatura Plena – Intercultural Indígena – Povos do Pantanal], no âmbito do currículo, refere-se à cultura como sendo constitutiva do processo de desenvolvimento da aprendizagem”. (UFMS, 2012, p. 12).

Esse projeto pedagógico específico se diferencia dos conteúdos curriculares padronizados, abrangendo uma proposta de aprendizagem seguindo os moldes da:

[...] Interculturalidade e da transversalidade dos conhecimentos e competências antropológicas, pedagógicas e linguísticas, que garantirão novas atitudes epistemológicas frente aos conteúdos trabalhados, permeando cada componente curricular, no núcleo comum e no específico. A relevância metodológica desta proposta centra-se no processo de aprendizagem a partir do conhecimento próprio e do outro, considerando o tripé: ensino, pesquisa e extensão (UFMS, 2012, p. 12).

Assim, o escrito evidencia que, pelos conteúdos, é possível entender a diversidade cultural, permitindo uma integração com o outro de forma a compartilhar trocas na aprendizagem, não só de conhecimentos teóricos sistematizados, mas da percepção da realidade que norteia os indivíduos, gerando atitudes entre os sujeitos e o objeto a ser estudado. A prática curricular do curso, por sua vez, prevê um método alternativo e flexível,

pelo qual os acadêmicos participam do processo formativo de acordo com suas necessidades nos campos do ensino, pesquisa e extensão.

O curso está organizado em dois núcleos: Núcleo Comum de Estudos Básicos e Núcleo Específico, com suas respectivas orientações. O Primeiro tem “[...] duração de três semestres [e é] obrigatório para todos os acadêmicos” (UFMS, 2012, p. 12); já pelo segundo “[...] serão oferecidas licenciaturas específicas em quatro áreas para as quais haverá opção dos acadêmicos de forma a atender as demandas das escolas de suas comunidades” (UFMS, 2012, p. 12).

A fundamentação legal do curso está estruturada em leis e resoluções em conformidade com as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, como descreve o referido projeto e a organização dos núcleos contribui na formação do cidadão crítico, capaz de desenvolver habilidades no meio em que vive e fora dele. A matriz curricular das licenciaturas específicas, por seu turno, intenta formar professores indígenas com competências pedagógicas pertinentes à escolha da área, tendo como prioridade as necessidades de suas comunidades.

**Tabela IV – Núcleos Específicos**

Núcleo Específico (05 semestres)
Linguagens e Educação Intercultural
Matemática e Educação Intercultural
Ciências Sociais e Educação Intercultural
Ciências da Natureza e Educação Intercultural

Fonte: UFMS (2012).

A matriz curricular atende as diversas disciplinas com suas respectivas cargas horárias, sistemas de avaliação da aprendizagem e de auto-avaliação do curso, projeto institucional de monitoramento e avaliação do curso, atividades acadêmicas articuladas ao ensino de graduação, estágio obrigatório, prática de ensino, trabalho de conclusão de curso, atividades complementares, participação do corpo discente na avaliação do curso e nas atividades acadêmicas, desenvolvimento de materiais pedagógicos e plano de incorporação dos avanços tecnológicos, todos esses elementos estando descritos de forma detalhada no corpo do referido projeto político pedagógico (UFMS, 2012, p. 54-57).

Em relação aos objetivos do curso para habilitar os professores Atikum, Guató, Kamba, Kadiwéu, Kinikinau, Ofaié e Terena, cabe ressaltar a importância de eles proporcionarem “[...] o ensino intercultural e bilíngue por meio de estudos e vivências dos conhecimentos tradicionais e atuais desta sociedade e do acesso às informações e conhecimentos construídos e sistematizados pela humanidade” (UFMS, 2012, p. 14). Além disso, visam “[...] dar continuidade ao processo de preparação para a vida comunitária, incluindo as habilidades para refletir criticamente, junto com seu povo, sobre os impactos sócio-culturais e econômicos gerados pelo contato com a sociedade nacional” (UFMS, 2012, p. 14, entre outros. Isso possibilita aprimorar o perfil do egresso no domínio do conhecimento e das práticas interculturais, propiciando o desenvolvimento de um trabalho pedagógico de qualidade em sua comunidade.

Ademais, o projeto político pedagógico do curso de licenciatura agrega alguns tópicos de suma importância para a concretização de uma educação diferenciada e de qualidade, com o intuito de preparar os acadêmicos para uma vida profissional firmada em uma nova visão de mundo, estreitando sua relação com os alunos e a comunidade. Em sua elaboração, visa observar os níveis atingidos na formação desses professores e as necessidades que precisam ser ajustadas para sua melhor formação, pois:

Como é comum a toda proposta, este projeto político pedagógico é flexível e deverá ser avaliado constantemente para o aprimoramento, buscando, desta forma, incorporar avanços no sentido de ampliar as condições de formação do professor indígena. Para sua elaboração, buscaram-se diversas mãos, no entanto, merece destaque a participação das comunidades indígenas que constituem os “Povos do Pantanal” (UFMS, 2012, p. 57).

Essa estrutura curricular favorece os professores no sentido de incentivá-los a buscar objetivos significativos nos processos de aprendizagem e o compromisso em transferir conhecimento à sua comunidade. Essa proposta também “[...] procurou contemplar as necessidades de formação dos professores das etnias que constituem os ‘Povos do Pantanal’, respeitando e contemplando, o máximo possível, a realidade de cada etnia/aldeia e da região como um todo e as reivindicações individuais (por etnia e aldeia) e coletiva (Povos do Pantanal)” (UFMS, 2012, p. 57).

Com vistas a isso, as lideranças e comunidades de cada etnia deram voz e substância para a elaboração e concretização do projeto.

### 3.2 Momento Reflexivo da Disciplina de Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem

Como já mencionado, o presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo descrever e analisar as narrativas de acadêmicos/as indígenas, buscando observar o registro das trajetórias de formação desses acadêmicos sob a perspectiva da educação intercultural, no sentido de compreender os caminhos traçados e suas implicações na atuação profissional, apontando os desafios à materialização de uma escola diferenciada e específica de maneira articulada aos conhecimentos tradicionais desses povos. Com base nas experiências de vida dos participantes do curso de Licenciatura Indígena da UFMS/Aquidauana e por meio de narrativas elaboradas no momento reflexivo da disciplina de Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem, ministrada pela Profa. Dra. Léia Teixeira Lacerda (UEMS), foi possível estabelecer relações diretas com a educação escolar que receberam e entender a dinâmica de suas participações no ambiente profissional e na universidade.

Dos depoimentos coletados pela profa. Dra. Léia Teixeira Lacerda (UEMS), seis foram selecionados para compor este estudo, sendo eles narrativas de acadêmicos das etnias Guató, Terena, Kadiwéu e Kinikinau, matriculados no referido curso. Dentre os participantes da pesquisa, quatro são do sexo masculino e dois do sexo feminino, com idades entre 23 e 43 anos, respondendo cada um as 14 perguntas relacionadas às suas experiências vividas em sala de aula, em seu processo de formação.

A coleta de dados foi possível mediante a apresentação de slides contendo 19 imagens, utilizadas como metáforas na elaboração de questionários, estes com o intuito de documentar os processos de formação educacional dos entrevistados. No momento reflexivo e avaliativo dos conteúdos abordados na disciplina cursada, a docente responsável apresentou aos acadêmicos imagens de quadros disponíveis na internet de artistas plásticos nacionais e internacionais, como: Salvador Dali, Clóvis Irigaray, René Magritte, entre outros, possibilitando-lhes refletirem e narrarem suas vivências escolares, o processo de ensino e aprendizagem que receberam tanto de seus familiares quanto da escola e também a influência desse processo educativo em suas vidas.

Vale acrescentar que há semelhanças nos depoimentos desses acadêmicos, o que demonstra que, senão todos, mas a maioria deles teve muitas dificuldades em seu processo de aprendizagem até chegarem à universidade. Neles, os acadêmicos puderam narrar suas relações entre passado e presente e descreverem como esse processo foi marcado por preconceitos, pois ainda hoje o convívio com o homem não indígena não ocorre de forma

natural. Isso porque a sociedade envolvente ainda faz questão de evidenciar as diferenças dos povos indígenas com relação aos demais segmentos da sociedade, fato esse que fortalece a discriminação, formando uma barreira para a conquista de direitos desses indivíduos.

Essas garantias legais dependem sobremaneira das lutas empreendidas no dia-a-dia pela busca incessante de valorização por meio da educação, ou seja, a defesa da importância da escola na formação do aluno, pela qual é garantida sua inclusão total e irrestrita.

A narrativa desses acadêmicos tem o objetivo maior de mostrar os aspectos que acompanharam sua formação escolar, sua visão de mundo e o novo olhar que se abre a partir de uma nova perspectiva.

### 3.3 Apresentação das Memórias de Formação dos Professores Indígenas Povos do Pantanal

Neste subitem apresentamos os registros de memória de formação de 06 (seis) acadêmicos do curso de Licenciatura Indígena, desenvolvidas durante a disciplina de Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem, em um momento reflexivo sobre as discussões propostas em sala de aula. Os tópicos a seguir estão de acordo com a formulação do questionário proposto aos acadêmicos: Analise com atenção a apresentação das imagens. Busque responder às questões a partir das leituras e das suas memórias de formação escolar, bem como a sua história de vida. O mais importante é considerar a sua visão de mundo e a partir das reflexões que desenvolvemos em sala de aula com o apoio dos teóricos da Psicologia da Educação.

As perguntas foram elaboradas com o objetivo de possibilitar aos acadêmicos aproximarem a sua formação dos conteúdos debatidos na disciplina de Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem de acordo com as seguintes orientações: observem as primeiras imagens, reflitam e respondam as questões elegendo uma imagem de quadros de artistas plásticos, reconhecidos internacional e nacionalmente, como Salvador Dali, Clóvis Irigaray, René Magritte, entre outras imagens disponíveis na internet para exemplificar suas respostas. Todas as respostas dos entrevistados foram transcritas fielmente, não sendo retirado ou acrescentado nada em suas grafias.

A primeira entrevistada **A. A. V. F** é brasileira, natural de Aquidauana/MS, indígena da Aldeia Buriti, da etnia Terena, 23 anos.

**P.** como você se define como acadêmico do Curso de Licenciatura Indígena da UFMS? Qual é o seu olhar sobre os conteúdos estudados na Universidade?

**AAVF.** Como uma pessoa que a minha comunidade espero que aprenda, adquira conhecimentos para ser usado afora da comunidade. Os conteúdos que estudamos temos que fazer comparação com a realidade da nossa aldeia.

Janela 1 - O Falso Espelho (MAGRITTE, R., 1921).



Fonte: <https://www.wikiart.org/pt/rene-magritte>

**P.** O que remete as imagens dos diferentes tipos de janelas e caminhos diante do seu processo de aprendizagem?

**AAVF.** Que nós temos um mundo para descobrir mas temos que saber de forma adquirir esse conhecimento porque ao mesmo tempo que pode nos ajuda também pode nos prejudica.

Janela 4 - O Telescópio (MAGRITTE, R., 1963).



Fonte: <https://www.wikiart.org/pt/rene-magritte>

**P.** Como você vivenciou o período da sua formação na Educação Básica, no Ensino Médio até a entrada no Curso de Graduação? Relate como foi a sua relação com a Escola.

**AAVF.** Nos primeiros anos foi muito bom pois foi só em escola indígena. No ensino médio já foi um pouco difício pois estudei maior parte em escola não indígena e aqui no curso de graduação está sendo bom, pois todos são indígenas.

Janela 8 – Moça de pé na Janela (DALI, S., 1925).



Fonte: <https://taislc.blogspot.com.br/2010/02/o-pai-do-pintor-salvador-dali.html>

**P.** Quais os valores foram construídos ou desconstruídos nessa trajetória universitária? Isso te ajudou ou te prejudicou? Conte-nos sobre esse período.

**AAVF.** Foi construído o valor do comprometimento com a comunidade pois devo dar o retorno da confiança dela em mim enquanto educadora.

Janela 17 – Índia Amamentando (IRIGARAY, C., 1996)



Fonte: <http://semiedu2013.blogspot.com.br/2013/03/clovis-huguiney-irigaray-pintor.html>

**P.** Que tipo de educação você recebeu em casa, na Escola e na Universidade? Comente.

**AAVF.** Em casa tive a educação indígena que é feita através dos mais velhos para as crianças e na escola e universidade foi acrescentado a visão de mundo.

Janela 2 – O Olho (MAGRITTE, R.,s.d.).



Fonte: <https://www.wikiart.org/pt/rene-magritte>

**P.** Qual a sua compreensão sobre o desenvolvimento da criança indígena a partir das leituras feitas na disciplina de Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem? Como esses conteúdos podem ser considerados nas práticas pedagógicas do professor?

**AAVF.** A criança indígena é muito efelina(?) e isso pode prejudica-la em seu desenvolvimento e aprendizagem, pode ser considerado como um meio de mudanças de abto dos família endigenas.

Janela 17 – Índia Amamentando (IRIGARAY, C., 1996)



Fonte: <http://semiedu2013.blogspot.com.br/2013/03/clovis-huguiney-irigaray-pintor.html>



**P.** Como é ser e viver a indianidade na sociedade brasileira atual?

**AAVF.** Apesar da discriminação racial ser considerado um crime hoje ainda nós indígenas somos discriminados por falta de conhecimento das pessoas para conosco e para nossa realidade.

Janela 18 – Universidade na Selva (IRIGARAY, C. 1975)



Fonte: <http://falandodeartenaescola.blogspot.com.br/2011/11/arte-no-ensino-medio-3ano-4-bimestre.html>

**P.** Quais os elementos que você considera importante em sua identidade indígena diante das relações de contato na Universidade?

**AAVF.** São os costumes a cultura o modo de viver e ser diferente na sociedade atual.

Janela 11 – Cores do Mato (IRIGARAY, C.)



Fonte: <http://coresdomato.blogspot.com.br/2013/09/clovis-huguenyirigaray-eimpossivel.html>

**P.** Como se constitui a relação dos povos indígenas na cidade? Descreva como são as suas experiências quando está no espaço urbano.

**AAVF.** Somos vistos como pessoas incapazes por algumas pessoas ainda nos centros urbanos, quando as pessoas veem um índio na cidade nos olha com um olhar de inferioridade.

Janela 2 – O Olho (MAGRITTE, R.,s.d.).



Fonte: <https://www.wikiart.org/pt/rene-magritte>

**P.** A sua formação acadêmica trouxe e/ou oportunizará mudanças em sua vida? Quais? Novas relações?

**AAVF.** Sim pois vou ter a oportunidade de mostrar e ensinar às crianças os valores de ser indígena e é isso que a minha comunidade espera de mim quanto acadêmica.

Janela 18 – Universidade na Selva (IRIGARAY, C.1975)



Fonte: <http://falandodeartenaescola.blogspot.com.br/2011/11/arte-no-ensino-medio-3ano-4-bimestre.html>

**P.** Como você se vê como futuro professor e/ou professora?

**AAVF.** Me vejo com a responsabilidade de ajuda a revitalizar a minha cultura que com o passa dos anos está se acabando e mostra a criança o quanto isso é importante.

Janela 12 – Série Xinguana (IRIGARAY, C., 1975)

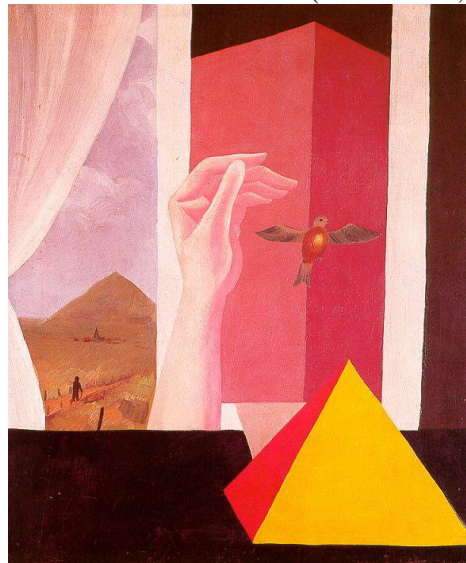


Fonte: <http://dacc.univasf.edu.br/?p=720>

**P.** Que tipo de Professor você almeja ser? Como pretende desenvolver a sua prática pedagógica, com o auxílio dos teóricos da psicologia da educação?

**AAVF.** Uma professora que faça a crianças terem prazer em estudar, desenvolver as atividades respeitando as faixas etárias como a teoria de Jean Piaget.

Janela 10 - The Window (MAGRITTE, R., 1925).



Fonte: <https://www.wikiart.org/pt/rene-magritte>

**P.** Faça uma relação sobre o professor e/ou a professora que você será e os professores e/ou a professoras que passaram pela sua formação escolar.

**AAVF.** Quero ser uma professora que motive os alunos, tive um professor no primeiro ano do ensino médio fazia ter interesse pela aula e nos motivava. Apesar das poucas aulas percebi que a senhora é uma professora muito dedicada com os alunos e é um exemplo a ser seguido.

Janela 12 – Série Xinguana (IRIGARAY, C., 1975)



Fonte: <http://dacc.univasf.edu.br/?p=720>

**P.** Quais são os caminhos que serão traçados por você após sua formação para atuar como professor(a)? Novos caminhos a serem construídos e outros esquecidos? Por que?

**AAVF.** Seram muito os caminhos a serem construídos não apenas para a escola mas também para a comunidade pois a escola é a base da comunidade. Imagem 6.

Janela 6 – A Condição Humana (MAGRITTE, R., 1933)



Fonte: <https://www.wikiart.org/pt/rene-magritte>

Diante das questões respondidas pela acadêmica A. A. V. F., procuro elaborar minhas considerações de acordo com o meu entendimento, podendo haver alguma divergência entre o meu pensamento e o da entrevistada, não devendo ser minha opinião tomada com definitiva. No relato da acadêmica há uma certa preocupação com sua aprendizagem e ao mesmo tempo um medo de que novos conhecimentos possam prejudicar, pois as mudanças acabam por modificar os hábitos adquiridos tradicionalmente. A educação que recebeu em casa veio dos mais velhos em conformidade com a frase “os velhos são nossas bibliotecas” (BERGAMASCHI, 2010, p. 134). Em sua narrativa a autora destaca que a educação indígena e a educação escolar indígena, sendo ambas necessárias para sua formação.

A entrevistada afirma seu comprometimento com a comunidade no sentido de ensinar e revitalizar sua cultura, sendo esses os elementos mais importantes destacados em suas respostas. Destaca ainda o processo discriminatório que sofre pois diante da sociedade envolvente os indígenas são vistos como incapazes, isso pela falta de conhecimento de seu modo de vida, sua cultura, ou porque “ fomos educados no interior de um sistema de educação construído a partir de um posicionamento ideológico que procura diluir as identidades indígenas com o intuito de torná-las menos visíveis aos olhos da nação brasileira” (MAHER, 2005, p. 15).

Como autora no processo de valorização da cultura indígena tem sua responsabilidade voltada para o bem estar da escola, de seus alunos e de sua comunidade, o que implica afirmar a ideia de que “ a escola indígena que se quer é aquela que seja capaz de preparar os alunos indígenas para os desafios que o contato com a sociedade envolvente impõe sem, no entanto, desrespeitar suas crenças e práticas culturais” (MAHER, 2005, 28-29). Sua narrativa tem como característica a valorização de ser indígena e o interesse de mostrar e ensinar as crianças esses valores. Todos os textos estudados foram pertinentes em mostrar essas questões, e nos permitir adentrar em um mundo alheio à maioria dos sujeitos.

O segundo entrevistado **A. A. R** é brasileiro, natural de Bonito/MS, indígena da Aldeia São João, da etnia Kinikinau, 25 anos.

**P.** Como você se define como acadêmico do Curso de Licenciatura Indígena da UFMS? Qual é o seu olhar sobre os conteúdos estudados na Universidade?

**AAR.** Imagem 2. Eu me defino como uma pessoa capaz. Todo o processo de aprendizagem que estamos passando como acadêmico é importante porque faz relação com a realidade de



nossas comunidades, a partir daí, o que aprendemos aqui podemos passar para nossa comunidade escolar. Agora tenho um olhar de fora para dentro como a imagem mostrada.

Janela 2 – O Olho (MAGRITTE, R.,s.d.).



Fonte: <https://www.wikiart.org/pt/rene-magritte>

**P.** O que remete as imagens dos diferentes tipos de janelas e caminhos diante do seu processo de aprendizagem?

**AAR.** É como a janela entreaberta da imagem nº 4, todo conhecimento que nos esperam estão prontos para serem absolvidos. Ou seja, o mundo, está ai, cada dia que passa nos aprendemos coisas novas como acadêmicos, a janela ainda está entreaberta mais ela pode se abrir pra nós.

Janela 4 - O Telescópio (MAGRITTE, R., 1963).

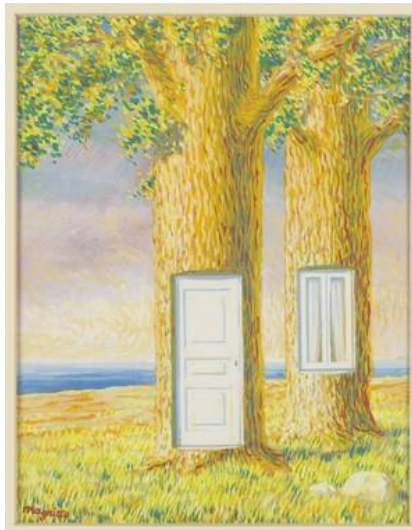


Fonte: <https://www.wikiart.org/pt/rene-magritte>

**P.** Como você vivenciou o período da sua formação na Educação Básica, no Ensino Médio até a entrada no Curso de Graduação? Relate como foi a sua relação com a Escola.

**AAR.** Pra mim todo o processo de ensino que tive desde a educação básica ao ensino médio foi importante pois durante esse tempo a participação na comunidade escolar me ajudou muito a chegar até aqui. Agora daqui pra frente só colocar em prática o que aprendemos aqui lá na minha comunidade.

Janela 3



Fonte: [http://www.uems.br/assets/uploads/cursos\\_pos/cf56c0d8020c416fb02f65f15e977953/tesesdissertacoes/3\\_cf56c0d8020c416fb02f65f15e977953\\_2016-10-04\\_11-07-01.pdf](http://www.uems.br/assets/uploads/cursos_pos/cf56c0d8020c416fb02f65f15e977953/tesesdissertacoes/3_cf56c0d8020c416fb02f65f15e977953_2016-10-04_11-07-01.pdf).

**P.** Quais os valores foram construídos ou desconstruídos nessa trajetória universitária? Isso te ajudou ou te prejudicou? Conte-nos sobre esse período.

**AAR.** Eu aprendi e estou aprendendo muito aqui na universidade, quero levar comigo o valor do conhecimento e do compromisso com minhas crianças, e com meu povo.

Janela 2 – O Olho (MAGRITTE, R.,s.d.).



Fonte: <https://www.wikiart.org/pt/rene-magritte>

**P.** Que tipo de educação você recebeu em casa, na Escola e na Universidade? Comente.

**AAR.** Em casa foi uma educação afetiva, na escola aprendi já a dar continuidade a educação que veio de casa, agora na universidade aprendi que o professor deve ter ética, para poder alcançar os seus objetivos. Isso vem desde quando criança onde meus pais me ensinaram a respeitar e ter caráter para não sofrer no mundo lá fora.

Janela 17 – Índia Amamentando (IRIGARAY, C., 1996)

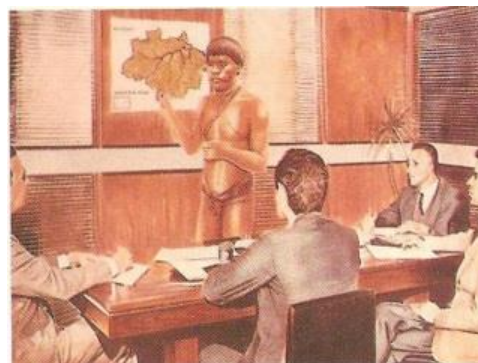


Fonte: <http://semiedu2013.blogspot.com.br/2013/03/clovis-huguiney-irigaray-pintor.html>

**P.** Qual a sua compreensão sobre o desenvolvimento da criança indígena a partir das leituras feitas na disciplina de Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem? Como esses conteúdos podem ser considerados nas práticas pedagógicas do professor?

**AAR.** Toda criança tem o seu processo próprio de aprendizagem. As crianças indígenas aprendem desde cedo com os pais e sua família todos os seus valores. Entendo que isso está em consonância com os teóricos que falaram do processo de aprendizagem das crianças, como Piaget e outros teóricos.

Janela 13 – Amazônia Legal (IRIGARAY, C., 1975)



Fonte: <http://falandodeartenaescola.blogspot.com.br/2011/11/arte-no-ensino-medio-3ano-4-bimestre.html>



**P.** Como é ser e viver a indianidade na sociedade brasileira atual?

**AAR.** Mesmo com os direitos nossos garantidos na constituição como nosso próprio jeito de organização e acesso a educação é muito difícil, porque o indígena ainda é visto com um olhar diferente por muitos na sociedade, ainda há preconceitos com os indígenas nesse mundo atual.

Janela 14 – Série Xinguana (astronauta) (IRIGARAY, C., 1975)



Fonte: <http://falandodeartenaescola.blogspot.com.br/2011/11/arte-no-ensino-medio-3ano-4-bimestre.html>

**P.** Quais os elementos que você considera importante em sua identidade indígena diante das relações de contato na Universidade?

**AAR.** A cultura, e a nossa tradição, são valores muito importantes, para afirmarmos a nossa identidade.

Janela 18 – Universidade da Selva, 1975 - (IRIGARAY, C.)

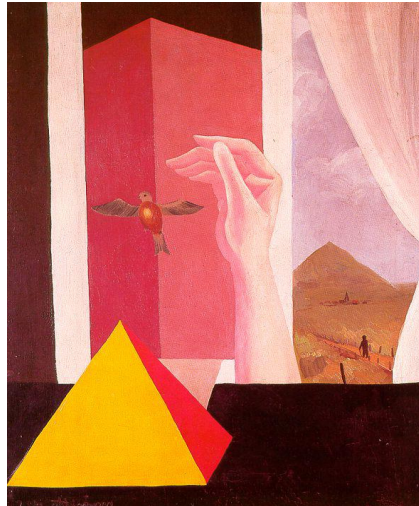


Fonte: <http://falandodeartenaescola.blogspot.com.br/2011/11/arte-no-ensino-medio-3ano-4-bimestre.html>

**P.** Como se constitui a relação dos povos indígenas na cidade? Descreva como são as suas experiências quando está no espaço urbano.

**AAR.** Se constituiu em meio as necessidades que os indígenas tinham, aos acessos tanto na educação como na saúde etc... Experiencia de ser igual, ser humano também.

Janela 10 – The Window (MAGRITTE, R., 1925).

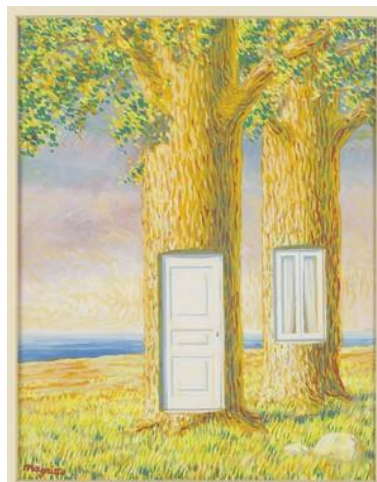


Fonte: <https://www.wikiart.org/pt/rene-magritte>

**P.** A sua formação acadêmica trouxe e/ou oportunizará mudanças em sua vida? Quais? Novas relações?

**AAR.** A formação acadêmica nos trará e nos dará a oportunidade de crescer profissionalmente e as relações com novos conhecimentos de pesquisa para cada vez mais avançar e ajudar o meu povo.

Janela 3



Fonte: [http://www.uems.br/assets/uploads/cursos\\_pos/cf56c0d8020c416fb02f65f15e977953/tesesdissertacoes/3\\_cf56c0d8020c416fb02f65f15e977953\\_2016-10-04\\_11-07-01.pdf](http://www.uems.br/assets/uploads/cursos_pos/cf56c0d8020c416fb02f65f15e977953/tesesdissertacoes/3_cf56c0d8020c416fb02f65f15e977953_2016-10-04_11-07-01.pdf).

**P.** Como você se vê como futuro professor e/ou professora?

**AAR.** Me AAR vejo como uma pessoa diferente, porque mesmo que eu não me veja, as pessoas vão me ver assim, mais uma pessoa que faz a diferença no meio do meu povo.

Janela 10 – The Window (MAGRITTE, R., 1925).

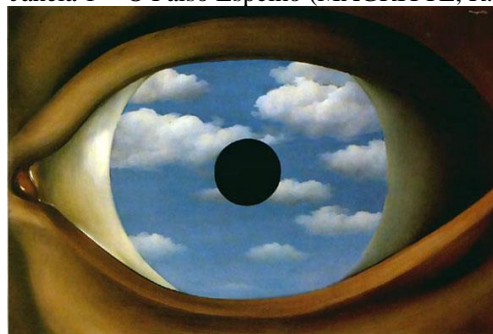


Fonte: <https://www.wikiart.org/pt/rene-magritte>

**P.** Que tipo de Professor você almeja ser? Como pretende desenvolver a sua prática pedagógica, com o auxílio dos teóricos da psicologia da educação?

**AAR.** Quero ser um professor que faz a diferença, ajudando, ensinando nossas crianças, porque é a partir deles que pode nascer novos conhecimentos. Deixa-os criar e pensar da maneira deles, cada um com seu jeito de aprender.

Janela 1 - O Falso Espelho (MAGRITTE, R., 1921).



Fonte: <https://www.wikiart.org/pt/rene-magritte>

**P.** Faça uma relação sobre o professor e/ou a professora que você será e os professores e/ou a professoras que passaram pela sua formação escolar.

**AAR.** Os professores que me ensinaram até aqui foram pessoas inteiramente dedicados, com compromisso de fazer com que o aluno possa produzir e crescer cada dia mais.

Janela 13 – Amazônia Legal (IRIGARAY, C., 1975)



<http://falandodeartenaescola.blogspot.com.br/2011/11/arte-no-ensino-medio-3ano-4-bimestre.html>

**P.** Quais são os caminhos que serão traçados por você após sua formação para atuar como professor(a)? Novos caminhos a serem construídos e outros esquecidos? Por que?

**AAR.** Eu pretendo ser um professor que avance nas áreas de pesquisa. Novos caminhos construídos a cada dia mais sem deixar coisas boas que aprendi no passado.

Janela 6 – A Condição Humana (MAGRITTE, R., 1933)



Fonte: <https://www.wikiart.org/pt/rene-magritte>

De acordo com o entrevistado A. A. R, o mesmo se vê como uma pessoa capaz em aprender coisas novas, absorver conhecimentos e olhar de fora para dentro para entender o processo de aprendizagem de acordo com a realidade de sua comunidade. Todo seu processo de aprendizagem foi importante, o mesmo afirma que tanto na relação com os pais em casa quanto com outras pessoas na universidade aprendeu os valores como: respeito e ética.

O acesso à educação foi difícil, pois a visão preconceituosa por parte da sociedade ainda é presente, no entanto sua experiência no espaço urbano afirma a sua postura de ser humano e de ser igual perante a sociedade.

A cultura e a tradição são partes do processo para a afirmação da identidade indígena, e a formação acadêmica contribui nesse processo trazendo novos conhecimentos aos já estabelecidos, o que significa a importância de obter processos próprios de aprendizagem.

Sua formação acadêmica trará oportunidade de crescimento profissional e status em sua comunidade, pois acredita que essa formação fará diferença. Diante disso é possível perceber que a responsabilidade no aprendizado como na transmissão do saber está embuido de forma definida na vida desses professores indígenas:

Para a difusão desses conhecimentos, visando sua continuidade e reprodução cultural; por outro lado, eles são responsáveis também por estudar, pesquisar e compreender, à luz de seus próprios conhecimentos e de seu povo, os conhecimentos tidos como universais reunidos no currículo escolar. (SECAD, 2005, p. 20-21).

A busca de novas possibilidades dá um sentido de pertencimento, de apropriação daquilo a que se tem direito e a partir das dificuldades superadas com o aprendizado é possível explorar novos caminhos, encontrar outra direção. O processo de formação de identidade começa quando a pessoa se dá o direito de conhecer a si mesmo e ao outro.

O terceiro entrevistado **L. C. S. A** é brasileiro, Natural de Corumbá/MS, indígena da Aldeia Useroso, da etnia Guató, 32 anos.

**P.** Como você se define como acadêmico do Curso de Licenciatura Indígena da UFMS? Qual é o seu olhar sobre os conteúdos estudados na Universidade?

**LCSA.** Bom eu tenho um olhar para esses conteúdos como fonte de descoberta aperfeiçoamento a cada dia e a minha aprendizagem cada conteúdo me faz despertar para vida faz-me ter um olhar mais amplo e além disso me fez pensar na minha comunidade e ali também despertar o olhar de cada crianças descobrindo os segredo do mundo.

**P.** O que remete as imagens dos diferentes tipos de janelas e caminhos diante do seu processo de aprendizagem?

**LCSA.** A muitos momento tive oportunidade de olhar pela janela e refletir em alguns momento difícil da minha vida uma noite me aproximei de uma janela da casa da minha mãe contemplei a lua que esta com um brilho tão forte que parecia ter esestado naquele momento me pos

a pençar quanto tempo essa lua já existe e seu brilho continua forte e porque eu estão desanimado assim.

**P.** Como você vivenciou o período da sua formação na Educação Básica, no Ensino Médio até a entrada no Curso de Graduação? Relate como foi a sua relação com a Escola.

**LCSA.** Bom nas series iniciais sempre foram muito bom nada era tristeza. Tudo era alegria não tinha tanta responsabilidade sempre tinha quem respondia por mim, passei para o ensino fundamental comecei dar valor a cada dia mais no conteúdo que eu aprendia nas escolas e no ensino médio até chegar no curso de graduação um pouco difícil mais hoje estou aqui descobrindo esse rico conhecimento que irei levar para minha comunidade.

**P.** Quais os valores foram construídos ou desconstruídos nessa trajetória universitária? Isso te ajudou ou te prejudicou? Conte-nos sobre esse período.

**LCSA.** Nos momentos trajetória de universidade para mim tá sendo mais que vitória. Hoje posso falar sou um profissional tudo resultado de universidade me ajudou muita e ainda esta me ajudando a construir novos conhecimentos novas ideias nova forma de trabalhar e além disso ajudando outras pessoas também.

**P.** Que tipo de educação você recebeu em casa, na Escola e na Universidade? Comente.

**LCSA.** A educação em casa me fez ter respeito com outras pessoas hoje cuidar da minha família dos meus filhos trabalhos de forma digna bom na escola eu aprendia conquistar o mundo não sou herói mais muitas coisas posso conquistar e já conquistei muitas coisas trabalho convivência conhecimento.

**P.** Qual a sua compreensão sobre o desenvolvimento da criança indígena a partir das leituras feitas na disciplina de Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem? Como esses conteúdos podem ser considerados nas práticas pedagógicas do professor?

**LCSA.** Nas práticas do desenvolvimento das crianças indígenas ou seja descobrir o desenvolvimento de cada criança se realmente existe algumas dificuldades em algumas delas e considerado como forma de descobrir qual é o potencial da memória de cada criança.

**P.** Como é ser e viver a indianidade na sociedade brasileira atual?

**LCSA.** Hoje em dia é um normal existe preconceito mais podemos superar com inteligência e sabedoria e sempre quebrando essa barreira.

**P.** Quais os elementos que você considera importante em sua identidade indígena diante das relações de contato na Universidade?

**LCSA.** É o ser índio resistência dos nossos antepassados que nos inspira as lutas e conquista a simplicidade humildade e preservação da cultura, isso são coisas que eu considero muito importante e a universidade me ajuda a assegurar isso com mais firmeza.

**P.** Como se constitui a relação dos povos indígenas na cidade? Descreva como são as suas experiências quando está no espaço urbano.

**LCSA.** Eu me sinto igual todas as outras pessoas, particularmente das minhas tradição, nada me impede de comprar usar roupa celular andar no carro participar de eventos discutir assuntos referentes a vida social.

**P.** A sua formação acadêmica trouxe e/ou oportunizará mudanças em sua vida? Quais? Novas relações?

**LCSA.** Sim muitas mudanças como ser uma pessoa critica defender meus direitos ensinar o meu alunos conquistar algo para minha comunidade ser uma pessoa exemplo defender o meu povo quantos antes não fazia nuca pensava nisso.

**P.** Como você se vê como futuro professor e/ou professora?

**LCSA.** Desenvolvendo um bom trabalho dentro da minha comunidade sabendo conviver com a sociedade mostrando um bom caminho para as crianças ou jovens da minha comunidade.

**P.** Que tipo de Professor você almeja ser? Como pretende desenvolver a sua prática pedagógica, com o auxílio dos teóricos da psicologia da educação?

**LCSA.** Um professor pesquisador sempre desenvolver trabalho focando em valores da própria comunidade ou povo resgatando a cultura costumes língua. E concretizar isso como nossa identidade.

**P.** Faça uma relação sobre o professor e/ou a professora que você será e os professores e/ou a professoras que passaram pela sua formação escolar.

**LCSA.** Assim como existiram muitos professor e professora que marcaram nossa vida na escola nos ensinando com amor e carinho me ajudaram estar aqui hoje tambem quero ser alguém que possa marcar a vida de muitos alunos levando eles a conhecer o mundo.

**P.** Quais são os caminhos que serão traçados por você após sua formação para atuar como professor(a)? Novos caminhos a serem construídos e outros esquecidos? Por que?

**LCSA.** E um pouco dificil dizer quais caminho que serão traçado no mundo que vivemos mais de pouco a pouco posso mudando de direção para melhor sim, novo camin e nao esperar e ir em frente lutar descobrir.

Diante de algumas imagens esse acadêmico da etnia Guató se viu surpreso e no despertar para a vida. Mesmo que não tenha indicado nenhuma imagem para organizar, a sua narrativa reflexiva indica um sentimento de desânimo diante das dificuldades enfrentadas. Percebe-se um certo conflito na fala desse acadêmico Guató, uma vitimização em contraste com as falas dos acadêmicos Terena e Kinikinau. Sua caminhada até a universidade

demonstra alguns percalços, no entanto não são motivos para que o impeçam de construir novos valores, novos conhecimentos e ideias.

Em casa aprendeu o respeito pelos outros e na escola agregou outros valores tais como: trabalho, convivência e conhecimento, necessários para conquistar o mundo. Apesar dos preconceitos acredita que pode ser superado com inteligência e sabedoria, sendo o preconceito um motivo a mais para afirmar a resistência de seus antepassados no intuito de preservar sua cultura.

A universidade exerce um papel de importância no fortalecimento de preservação da cultura, dos costumes, dando ao autor argumentos para ser uma pessoa crítica, defendendo seus direitos e os de sua comunidade. Acredita que é possível ensinar aos alunos a conquistar.

Como professor pretende desenvolver um bom trabalho na comunidade e no convívio com a sociedade, no sentido de resgatar a cultura, os costumes e a língua na afirmação de sua identidade. Em termos de articulação da língua indígena como parte do currículo nos programas de formação é preciso agregar algumas medidas e:

Tais medidas a serem tomadas no planejamento, execução e avaliação da proposta curricular dos programas de formação, no tocante às suas política linguísticas, podem vir a contribuir para a criação de uma nova tradição pedagógica. Esta deve permitir o fortalecimento das línguas e das culturas, contribuindo para a melhoria das práticas comunicativas e sociais reais, e não só representar os discursos legais e institucionais sobre bilinguismo e educação escolar indígena. (SECAD, 2005, p. 51).

A citação acima sugere uma reforma nas práticas de comunicação da língua materna e não apenas vista como objeto de especulação que faz parte do currículo escolar sem no entanto sair do papel e encontrar uma base sólida para se desenvolver entre os povos indígenas. Há um caminho a ser percorrido, de difícil acesso porém transponível na medida em que as lutas forem se concretizando com o real desejo de se construir uma educação de qualidade.

O quarto entrevistado **C. S. M.** é brasileiro, natural de Porto Murtinho/MS, indígena da Aldeia Alves de Barros, da etnia Kadiwéu, 38 anos.

**P.** como você se define como acadêmico do Curso de Licenciatura Indígena da UFMS? Qual é o seu olhar sobre os conteúdos estudados na Universidade?

**CSM.** Eu coloquei o nº 2 e 18, porque acho que tem tudo haver com a pergunta.



Janela 2 – O Olho (MAGRITTE, R.,s.d.).



Fonte: <https://www.wikiart.org/pt/rene-magritte>

Janela 18 – Universidade da Selva (IRIGARAY, C., 1975)



Fonte: <http://falandodeartenaescola.blogspot.com.br/2011/11/arte-no-ensino-medio-3ano-4-bimestre.html>

**P.** O que remete as imagens dos diferentes tipos de janelas e caminhos diante do seu processo de aprendizagem?

**CSM.** Nº 18 porque todos nós estamos no processo de aprendizagem.

Janela 18 – Universidade da Selva (IRIGARAY, C., 1975)



Fonte: <http://falandodeartenaescola.blogspot.com.br/2011/11/arte-no-ensino-medio-3ano-4-bimestre.html>

**P.** Como você vivenciou o período da sua formação na Educação Básica, no Ensino Médio até a entrada no Curso de Graduação? Relate como foi a sua relação com a Escola.

**CSM.** Nº 6 no período que eu terminei a minha formação eu fiquei esperando até que uma porta viesse abrir para eu poder continuar o meus estudos.

Janela 6 – A Condição Humana (MAGRITTE, R., 1933)



Fonte: <https://www.wikiart.org/pt/rene-magritte>

**P.** Quais os valores foram construídos ou desconstruídos nessa trajetória universitária? Isso te ajudou ou te prejudicou? Conte-nos sobre esse período.

**CSM.** Nº 6. O que veio me prejudicar, porque eu não tive oportunidade de entrar em uma faculdade quando ainda era jovem.

Janela 6 – A Condição Humana (MAGRITTE, R., 1933)



Fonte: <https://www.wikiart.org/pt/rene-magritte>

**P.** Que tipo de educação você recebeu em casa, na Escola e na Universidade? Comente.

**CSM.** Nº 12. Eu recebi uma educação muito boa em de poder respeitar os mais velho. Aqui eu que a gente tem que respeitar para poder ser respeitado.

Janela 12 – Série Xinguana - (IRIGARAY, C., 1975)



Fonte: <http://dacc.univasf.edu.br/?p=720>

**P.** Qual a sua compreensão sobre o desenvolvimento da criança indígena a partir das leituras feitas na disciplina de Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem? Como esses conteúdos podem ser considerados nas práticas pedagógicas do professor?

**CSM.** (Sem resposta).

**P.** Como é ser e viver a indianidade na sociedade brasileira atual?

**CSM.** Nº 01. O olhar dos não na sociedade, com nós que somos índios.

Janela 1 - O Falso Espelho (MAGRITTE, R., 1921).



Fonte: <https://www.wikiart.org/pt/rene-magritte>

**P.** Quais os elementos que você considera importante em sua identidade indígena diante das relações de contato na Universidade?

**CSM.** Eu coloquei o nº 13 e 18, onde a imagem mostra índio dando aula e estudando.

Janela 13 – Amazônia Legal (IRIGARAY, C., 1975)



Fonte: <http://falandodeartenaescola.blogspot.com.br/2011/11/arte-no-ensino-medio-3ano-4-bimestre.html>

Janela 18 – Universidade da Selva (IRIGARAY, C. 1975)

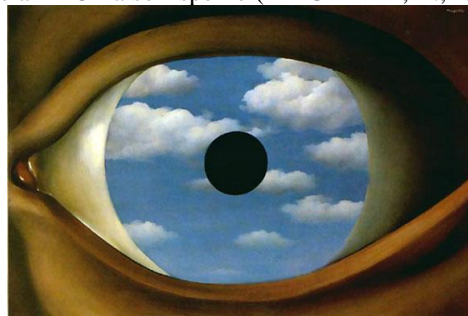


Fonte: <http://falandodeartenaescola.blogspot.com.br/2011/11/arte-no-ensino-medio-3ano-4-bimestre.html>

**P.** Como se constitui a relação dos povos indígenas na cidade? Descreva como são as suas experiências quando está no espaço urbano.

**CSM.** Coloquei o nº 01 um olhar de dentro para fora, porque nós ainda somos olhado com um olhar diferente.

Janela 1 - O Falso Espelho (MAGRITTE, R., 1921).



Fonte: <https://www.wikiart.org/pt/rene-magritte>

**P.** A sua formação acadêmica trouxe e/ou oportunizará mudanças em sua vida? Quais? Novas relações?

**CSM.** Nº 13 e 14 porque tem tudo haver com a pergunta: porque a minha formação vai trazer mudanças na minha vida.

Janela 13 – Amazônia Legal (IRIGARAY, C., 1975)



Fonte: <http://falandodeartenaescola.blogspot.com.br/2011/11/arte-no-ensino-medio-3ano-4-bimestre.html>

Janela 14 – Xinguana (astronauta) (IRIGARAY, C., 1975)



Fonte: <http://falandodeartenaescola.blogspot.com.br/2011/11/arte-no-ensino-medio-3ano-4-bimestre.html>

**P.** Como você se vê como futuro professor e/ou professora?

**CSM.** Coloquei o nº 14 porque eu vejo que eu sou capaz de alcançar o meu objetivo como um futuro professor.



Janela 14 – Xinguana (astronauta) (IRIGARAY, C., 1975)



Fonte: <http://falandodeartenaescola.blogspot.com.br/2011/11/arte-no-ensino-medio-3ano-4-bimestre.html>

**P.** Que tipo de Professor você almeja ser? Como pretende desenvolver a sua prática pedagógica, com o auxílio dos teóricos da psicologia da educação?

**CSM.** Nº 18. Eu pretendo ser um professor que pesquisa e busca informação nova cada dia que passa.

Janela 18 – Universidade na Selva (IRIGARAY, C. 1975)



Fonte: <http://falandodeartenaescola.blogspot.com.br/2011/11/arte-no-ensino-medio-3ano-4-bimestre.html>

**P.** Faça uma relação sobre o professor e/ou a professora que você será e os professores e/ou a professoras que passaram pela sua formação escolar.

**CSM.** Nº 18 eu quero ser igual os meus professores indígenas que estão dando aula para nós aqui na universidade.

Janela 18 – Universidade da Selva (IRIGARAY, C.)



Fonte: <http://falandodeartenaescola.blogspot.com.br/2011/11/arte-no-ensino-medio-3ano-4-bimestre.html>

**P.** Quais são os caminhos que serão traçados por você após sua formação para atuar como professor(a)? Novos caminhos a serem construídos e outros esquecidos? Por que?

**CSM.** Nº 2 O olhar da própria comunidade, com aquele olhar e vê que não sou mais aquela que era, agora sou um profissional na área da educação.

Janela 2 – O Olho (MAGRITTE, R.,s.d.).



Fonte: <https://www.wikiart.org/pt/rene-magritte>

O entrevistado C. S. M. diz que está em processo de aprendizagem, pois após a formação de nível médio teve que esperar que uma porta se abrisse para poder continuar os estudos, lamenta um prejuízo por não ter tido oportunidade de entrar para uma universidade ainda jovem. Comparando sua fala com a do acadêmico Terena, o primeiro fica esperando que algo aconteça enquanto que o segundo busca estratégias para superar as dificuldades.

Sua educação em casa foi permeada pelos mais velhos e na universidade reforçou a crença de respeitar para ser respeitado. Diante do olhar negativo da sociedade, considera a

afirmação de sua identidade como importante para o trabalho e o conhecimento. O trabalho favorecerá nos objetivos a serem alcançados.

Como professor pretende ser um pesquisador em busca de novas informações trazendo um novo olhar para si e para sua comunidade, atuando na área da educação.

Diante da narrativa é possível observar que a escola tem um papel fundamental no processo educacional desses indivíduos, esse saber funciona como uma ponte para alcançar seus objetivos de vida, uma apropriação dos valores como mecanismos de defesa para a superação dos obstáculos a que estão acostumados vivenciar em virtude das discriminações que sofrem. Na expectativa de que haja uma mudança substancial a partir do conhecimento esses professores “desempenham um papel social novo, criando e ressignificando, a todo momento sua cultura” (SECAD, 2005, p.21). buscam pela apropriação de um conhecimento que lhes dê autonomia plena para conquistar novos caminhos sem perder sua essência.

A quinta entrevistada **V. S. C.** é brasileira, natural de Aquidauana/MS, indígena da Aldeia Limão Verde, da etnia Terena, 43 anos.

P. Como você se define como acadêmico do Curso de Licenciatura Indígena da UFMS? Qual é o seu olhar sobre os conteúdos estudados na Universidade?

VSC. Eu me defino como na figura de número 4. Onde as janelas se abriram e foi justamente na licenciatura indígena. Os conteúdos estudados recentemente foi de suma importância pois clareou um pouco mais sobre a educação escolar indígena.

Janela 4 - O Telescópio (MAGRITTE, R., 1963).



Fonte: <https://www.wikiart.org/pt/rene-magritte>



**P.** O que remete as imagens dos diferentes tipos de janelas e caminhos diante do seu processo de aprendizagem?

**VSC.** Figura de número 6. Diante do processo podemos ver que haverá diversos tipos de aprendizagem para melhorar e contribuir para o processo de aprendizagem.

Janela 6 – A Condição Humana (MAGRITTE, R., 1933)



Fonte: <https://www.wikiart.org/pt/rene-magritte>

**P.** Como você vivenciou o período da sua formação na Educação Básica, no Ensino Médio até a entrada no Curso de Graduação? Relate como foi a sua relação com a Escola.

**VSC.** Figura de número 4. A minha relação com a escola foi bastante difícil, pois não havia possibilidades de ter um estudo digno como escola, principalmente no ensino médio, depois a graduação, mas tinha esperança que um dia a janela se abriria.

Janela 4 - O Telescópio (MAGRITTE, R., 1963).

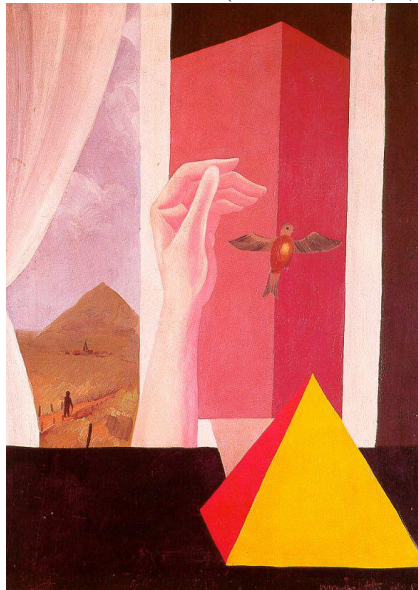


Fonte: <https://www.wikiart.org/pt/rene-magritte>

**P.** Quais os valores foram construídos ou desconstruídos nessa trajetória universitária? Isso te ajudou ou te prejudicou? Conte-nos sobre esse período.

**VSC.** Figura de número 10. Um dos valores que percebo que a universidade estará contribuindo é a valorização da nossa cultura, onde estaremos construindo novos rumos pra nossa educação, isso ajudará e possibilitará melhor a qualidade e aproveitamento da aprendizagem.

Janela 10 – The Window (MAGRITTE, R., 1925).



Fonte: <https://www.wikiart.org/en/rene-magritte>

**P.** Que tipo de educação você recebeu em casa, na Escola e na Universidade? Comente.

**VSC.** Figura de número 12. A educação recebida é a de igualdade. Igualdade essa que devemos nos considerar, “somos iguais a todos”, não importa a cor, raça, mas que podemos usufruir das melhores condições de vida.

Janela 12 – Série Xinguana, (IRIGARAY, C., 1975)



Fonte: <http://dacc.univasf.edu.br/?p=720>

**P.** Qual a sua compreensão sobre o desenvolvimento da criança indígena a partir das leituras feitas na disciplina de Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem? Como esses conteúdos podem ser considerados nas práticas pedagógicas do professor?

**VSC.** Figura de número 12. Para o desenvolvimento da criança, não é necessário que o professor fique somente em sala de aula. Os conteúdos podem ser trabalhados de uma metodologia mais prazerosa, principalmente com a criança indígena, pois ela se adapta melhor com a natureza.

Janela 12 – Série Xinguana, (IRIGARAY, C., 1975)



Fonte: <http://dacc.univasf.edu.br/?p=720>

**P.** Como é ser e viver a indianidade na sociedade brasileira atual?

**VSC.** Figura de número 18. Um pouco difícil, somos às vezes discriminados por causa da cor, da língua, mas que levamos isso como um meio de irmos à luta, pois também temos direitos e deveres.

Janela 18 – Universidade na Selva (IRIGARAY, C., 1975)



Fonte: <http://falandodeartenaescola.blogspot.com.br/2011/11/arte-no-ensino-medio-3ano-4-bimestre.html>

**P.** Quais os elementos que você considera importante em sua identidade indígena diante das relações de contato na Universidade?

**VSC.** Figura de número 13. A língua, o jeito indígena de ser, a educação que recebemos em casa, e que convivemos com a universidade onde há não-índios, de uma forma igual, ninguém é mais importante que o outro.

Janela 13 – Amazônia Legal (IRIGARAY, C., 1975)



Fonte: <http://falandodeartenaescola.blogspot.com.br/2011/11/arte-no-ensino-medio-3ano-4-bimestre.html>

**P.** Como se constitui a relação dos povos indígenas na cidade? Descreva como são as suas experiências quando está no espaço urbano.

**VSC.** Um pouco difícil. Uma das minhas experiências, quando vamos pra cidade, pegamos um ônibus, que vem de um distrito, onde as pessoas são não-índios, elas preferem deixar mochilas na poltrona, do que dar espaço pro índio sentar, é muito ruim.

**P.** A sua formação acadêmica trouxe e/ou oportunizará mudanças em sua vida? Quais? Novas relações?

**VSC.** Figura de número 1. A minha formação contribuirá com a forma melhor de desenvolver o meu trabalho quanto educadora, onde teremos novas relações, trabalho, aluno, colegas.

Janela 1 - O Falso Espelho (MAGRITTE, R., 1921)



Fonte: <https://www.wikiart.org/pt/rene-magritte>



**P.** Como você se vê como futuro professor e/ou professora?

**VSC.** Figura de número 14. Me vejo bem sucedida, no sucesso, com estrutura boa no desempenho escolar, principalmente pra minha comunidade.

Janela 14 – Xinguana (astronauta) (IRIGARAY, C., 1975)



Fonte: <http://falandodeartenaescola.blogspot.com.br/2011/11/arte-no-ensino-medio-3ano-4-bimestre.html>

**P.** Que tipo de Professor você almeja ser? Como pretende desenvolver a sua prática pedagógica, com o auxílio dos teóricos da psicologia da educação?

**VSC.** Desejo ser um professor que não tenha vergonha do meu trabalho, porque sei que estarei trabalhando de acordo com o desenvolvimento e ajuda dos teóricos da psicologia da educação.

Janela 13 – Amazônia Legal (IRIGARAY, C., 1975)



Fonte: <http://falandodeartenaescola.blogspot.com.br/2011/11/arte-no-ensino-medio-3ano-4-bimestre.html>

**P.** Faça uma relação sobre o professor e/ou a professora que você será e os professores e/ou a professoras que passaram pela sua formação escolar.

**VSC.** Serei uma professora lutadora, exemplos adquiridos pelos professores que lutaram e alcançaram os seus objetivos e que hoje estão nos ajudando na nossa formação.

**P.** Quais são os caminhos que serão traçados por você após sua formação para atuar como professor(a)? Novos caminhos a serem construídos e outros esquecidos? Por que?

VSC. Lutar em favor de uma educação de qualidade, pois foram esquecidos muitos direitos em especial a educação indígena, porque se houve muito envolvimento político.

A entrevistada diante de algumas imagens se viu com as janelas se abrindo e os conteúdos sobre a educação indígena tomando uma dimensão importante em seu saber, tendo como referência os professores indígenas formadores. Acredita que nesse processo de aprendizagem na universidade encontrará diversas contribuições, mesmo que tenha passado por muitas dificuldades até o ensino médio. O presente relato dá a entender que as dificuldades se deram pelo fato de receber uma educação tradicional sem levar em conta suas especificidades, o que significa dizer que essas:

[...] condições conflitivas, próprias à natureza intercultural da educação escolar indígena e da inserção da escola indígena como parte diferenciada da educação básica pública, devem ser objeto constante de reflexão e avaliação nos espaços coletivos de cada comunidade, nas situações de cursos e em outras situações, junto dos professores formadores e dos diversos atores educacionais. Só dessa maneira pode discutir, compreender e superar, quando necessário e possível, algumas das condições potencializadoras desses conflitos. (SECAD, 2005, p.21).

A educação que teve em casa parte do princípio de que “todos somos iguais”, com direitos de melhores condições de vida, e quanto a educação na universidade essa contribui com a valorização de sua cultura, possibilitando construir novos rumos para a educação. Qualidade e aproveitamento da aprendizagem.

Quando questionada sobre o desenvolvimento da criança indígena, a mesma acrescentou que esse desenvolvimento não acontece somente em sala de aula, mas sim em contato com a natureza com uma metodologia que lhe traga prazer.

Encontra discriminação pelo seu modo de ser, mas isso não é empecilho para ir a luta em busca de exercer seus direitos e conhecer seus deveres como cidadã. Percebe uma certa resistência de aproximação por parte dos não indígenas. Um dos elementos para exercer os seus direitos diz respeito a apropriação de sua identidade indígena, com suas especificidades,

Portanto, a educação escolar indígena problematiza enfaticamente a relação entre sociedade, cultura e escola, reassociando a escola a todas as dimensões da vida social e estabelecendo novos sentidos e funções a partir de interesse e necessidades particulares a cada sociedade indígena.(SECAD, 2007,p. 21).

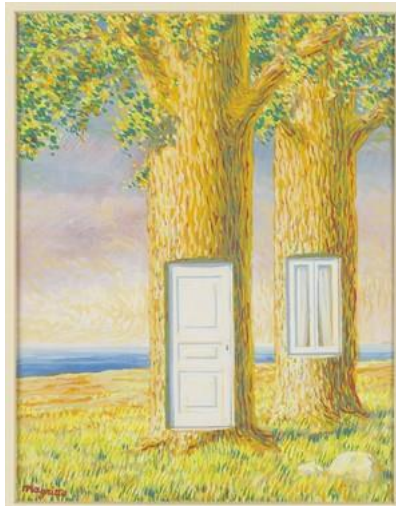
Também evidencia que sua formação acadêmica contribuirá no desenvolvimento de seu trabalho como educadora. Acredita que será bem sucedida e que terá bom desempenho em sua comunidade. Buscará não ter vergonha do seu trabalho, caminhando em busca de seus objetivos em favor de uma educação de qualidade. O auxílio dos teóricos da psicologia da educação servirão de base para sua formação.

O sexto entrevistado **N. S.** é brasileiro, natural de Porto Murtinho/MS, indígena da Aldeia Alves de Barros, da etnia Kadiwéu, 31 anos.

**P.** Como você se define como acadêmico do Curso de Licenciatura Indígena da UFMS? Qual é o seu olhar sobre os conteúdos estudados na Universidade?

**NS.** Imagem 3. Visei algumas portas na minha frente sem saber o que há ao entrar, ao abrir esta porta entrei hoje estou aqui no curso na UFMS. Por mais um passo que dei, sei que vou colher frutos bons mesmo que estão florescendo esperarei da colheita positiva. Licenciatura Indígena.

Janela 3



Fonte: [http://www.uems.br/assets/uploads/cursos\\_pos/cf56c0d8020c416fb02f65f15e977953/teses\\_dissertacoes/3\\_cf56c0d8020c416fb02f65f15e977953\\_2016-10-04\\_11-07-01.pdf](http://www.uems.br/assets/uploads/cursos_pos/cf56c0d8020c416fb02f65f15e977953/teses_dissertacoes/3_cf56c0d8020c416fb02f65f15e977953_2016-10-04_11-07-01.pdf).

**P.** O que remete as imagens dos diferentes tipos de janelas e caminhos diante do seu processo de aprendizagem?

**NS.** Imagem 3. Desde pequeno ou seja “criança” muitas dúvidas ou até mesmo não valorizamos portas vistas na nossa frente ou não temos coragem de bater, pegar massaneta e abriremos, a árvore dentro de cada pessoa cresce só depende de quem rega.

Janela 3



Fonte: [http://www.uems.br/assets/uploads/cursos\\_pos/cf56c0d8020c416fb02f65f15e977953/teses\\_dissertacoes/3\\_cf56c0d8020c416fb02f65f15e977953\\_2016-10-04\\_11-07-01.pdf](http://www.uems.br/assets/uploads/cursos_pos/cf56c0d8020c416fb02f65f15e977953/teses_dissertacoes/3_cf56c0d8020c416fb02f65f15e977953_2016-10-04_11-07-01.pdf).

**P.** Como você vivenciou o período da sua formação na Educação Básica, no Ensino Médio até a entrada no Curso de Graduação? Relate como foi a sua relação com a Escola.

**NS.** Imagem 12. Ao estudar nas séries iniciais, vi muitas coisas boas na escola mas sem saber o que fazer como seria se deliciar com as aulas, um algo diferente no meio que encontrava no meio dos alunos ou da realidade até que consegui entrar na graduação.

Janela 12 – Série Xinguana (IRIGARAY, C., 1975)



Fonte: <http://dacc.univasf.edu.br/?p=720>

**P.** Quais os valores foram construídos ou desconstruídos nessa trajetória universitária? Isso te ajudou ou te prejudicou? Conte-nos sobre esse período.

**NS.** Imagem 12 : no início se sentindo incapaz, com mesa farta no centro uma amargura sem saber o que é, mas este curso está me edificando apesa da distância da nossa sociedade vale a pena desta construção.



Janela 12 – Série Xinguana (IRIGARAY, C., 1975)



Fonte: <http://dacc.univasf.edu.br/?p=720>

**P.** Que tipo de educação você recebeu em casa, na Escola e na Universidade? Comente.

**NS.** Imagem 13: em casa era uma criança ensinado a respeitar os mais velhos ou aquelas que acham mais superior, na escola mostrar que sou capaz mesmo não valorizado, na faculdade memória em construção procuro mostrar quem sou e de onde sair.

Janela 13 – Amazônia Legal (IRIGARAY, C., 1975)



Fonte: <http://falandodeartenaescola.blogspot.com.br/2011/11/arte-no-ensino-medio-3ano-4-bimestre.html>

**P.** Qual a sua compreensão sobre o desenvolvimento da criança indígena a partir das leituras feitas na disciplina de Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem? Como esses conteúdos podem ser considerados nas práticas pedagógicas do professor?

**NS.** Imagem 18: uma criança dentro da escola com o professor responsável, é uma biblioteca que busca conhecimento todo dia no ambiente de conhecimentos.

Janela 18 – Universidade da Selva (IRIGARAY, C., 1975)



Fonte: <http://falandodeartenaescola.blogspot.com.br/2011/11/arte-no-ensino-medio-3ano-4-bimestre.html>

**P.** Como é ser e viver a indianidade na sociedade brasileira atual?

**NS.** Imagem 13: muitos criticam não valorizam mais hoje em dia tem o mundo em nossas mãos mostramos ao não índio a capacidade de conquista vitórias na palma da nossa mão.

Janela 13 – Amazônia Legal (IRIGARAY, C., 1975)



Fonte: <http://falandodeartenaescola.blogspot.com.br/2011/11/arte-no-ensino-medio-3ano-4-bimestre.html>

**P.** Quais os elementos que você considera importante em sua identidade indígena diante das relações de contato na Universidade?

**NS.** Imagem 18: por ser capaz de acompanhar, pesquisar, analisar e defender a nossa identidade através do conhecimento que buscamos, na universidade.

Janela 18 – Universidade da Selva (IRIGARAY, C., 1975)



Fonte: <http://falandodeartenaescola.blogspot.com.br/2011/11/arte-no-ensino-medio-3ano-4-bimestre.html>

**P.** Como se constitui a relação dos povos indígenas na cidade? Descreva como são as suas experiências quando está no espaço urbano.

**NS.** Imagem 15: são muitas críticas em relação ao índio, as vezes é mal falado, que o índio é folgado quer tudo de mão beijada.

Janela 15 – Índio na Canoa – Série Xinguana (IRIGARAY, C., 1975)



Fonte: <http://semiedu2013.blogspot.com.br/2013/03/clovis-irigaray-artista-do-evento.html>

**P.** A sua formação acadêmica trouxe e/ou oportunizará mudanças em sua vida? Quais? Novas relações?

**NS.** Imagem 14: com certeza trará oportunidade de mudanças, conquistaremos nosso espaço, mesmo que alguém fale que somos incapazes. Dentro da nossa aldeia bem visionado.

Janela 14 – Série Xinguana (astronauta) (IRIGARAY, C., 1975)



Fonte: <http://falandodeartenaescola.blogspot.com.br/2011/11/arte-no-ensino-medio-3ano-4-bimestre.html>

**P.** Como você se vê como futuro professor e/ou professora?

**NS.** Imagem 14: conquistei meu espaço, está tudo comigo os trajes de professor é só meter a mão na massa e flutuar na conquista. E fazer o melhor.

Janela 14 – Série Xinguana – astronauta, (IRIGARAY, C., 1975)

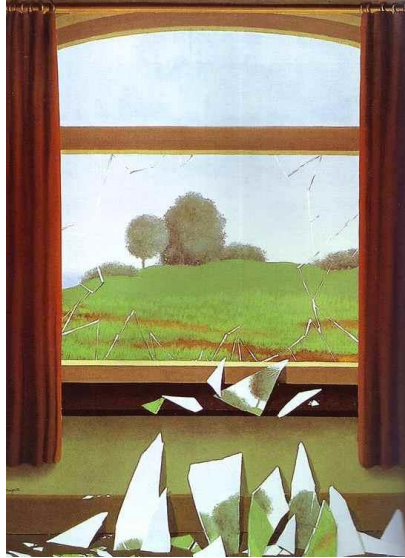


Fonte: <http://falandodeartenaescola.blogspot.com.br/2011/11/arte-no-ensino-medio-3ano-4-bimestre.html>

**P.** Que tipo de Professor você almeja ser? Como pretende desenvolver a sua prática pedagógica, com o auxílio dos teóricos da psicologia da educação?

**NS.** Imagem 7: professor que rompe barreiras, se estou isolado por dentro, quebrarei atrapalhos, e fazer o melhor para minhas crianças.

Janela 7 - A Chave dos Campos (MAGRITTE, R., 1936).



Fonte: <https://www.wikiart.org/pt/rene-magritte>

**P.** Faça uma relação sobre o professor e/ou a professora que você será e os professores e/ou a professoras que passaram pela sua formação escolar.

**NS.** Imagem 11: índio com cocar. Formado, perfeito na educação, completo, com coroa na cabeça. Vencedores, corajosos guerreiros vencedores.

Janela 11 – Cores do Mato (IRIGARAY, C. 2013)



Fonte: <http://coresdomato.blogspot.com.br/2013/09/clovis-huguene-yirigaray-e-impossivel.html>



**P.** Quais são os caminhos que serão traçados por você após sua formação para atuar como professor(a)? Novos caminhos a serem construídos e outros esquecidos? Por que?

**NS.** Imagem 16: liberdade para construir o meu próprio objetivo, descansado, porque professor que me instruíram são realmente capazes de pensar e colocar em prática.

Janela 16



Fonte: [http://www.uems.br/assets/uploads/cursos\\_pos/cf56c0d8020c416fb02f65f15e977953/teses\\_dissertacoes/3\\_cf56c0d8020c416fb02f65f15e977953\\_2016-10-04\\_11-07-01.pdf](http://www.uems.br/assets/uploads/cursos_pos/cf56c0d8020c416fb02f65f15e977953/teses_dissertacoes/3_cf56c0d8020c416fb02f65f15e977953_2016-10-04_11-07-01.pdf).

Diante das imagens esse acadêmico indicou que viu algumas portas sem saber o que encontraria ao entrar, nisso descobriu a universidade e de início sentiu-se incapaz sem saber o que fazer e hoje sua memória está em construção, mostra para ele quem é e de onde saiu. Seus passos irão permitir colher bons frutos.

A imagem remete que no processo de aprendizagem existe o medo, contudo com a descoberta do medo em paralelo segue o avanço. Em sua formação básica não sabia o que fazer, apenas sentia algo de diferente em sua realidade.

A discriminação também faz parte de sua vida e apesar das críticas e da não valorização por parte da sociedade mostra sua capacidade de conquista. Sua identidade indígena é conquistada por meio do conhecimento, uma das formas de diminuir o estereótipo que os indígenas vem carregando desde o período histórico até os tempos atuais.

Com ênfase na discriminação que este e todos os outros entrevistados descreveram como corriqueira em suas vidas, e a afirmação unânime de que a educação é uma ponte para superar todos os obstáculos impostos pela sociedade envolvente, chega-se a conclusão de que

A escola, espaço histórico de imposição de valores e assimilação para incorporação à economia de mercado e, nesse processo, devoradora de

identidades, passa a ser reivindicada pelas comunidades indígenas como espaço de relações intersocietárias baseadas na interculturalidade e na autonomia política. (SECAD, 2007, p.9).

A formação acadêmica trará mudanças, conquistas junto a sua comunidade, como professor se vê conquistando espaço em busca do melhor, rompendo barreiras, vencedor, corajoso, guerreiro, traçando um caminho com liberdade para construir objetivos com a capacidade de pensar e colocar tudo que aprendeu em prática. Há uma certa distorção em sua fala, associando a sensação de incapacidade no início e depois se mostrando como aquele que rompe barreiras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa apresentou-se como um grande desafio em minha formação como futura educadora, pois os caminhos percorridos mostraram-se muitas vezes íngremes pela falta de conhecimento em relação ao tema escolhido. Por isso, foi necessária uma busca intensa por trabalhos já desenvolvidos e que serviram de base para dar início a essa empreitada, que considero no momento em que escrevo tímida e simplória em relação aos estudos de pesquisadores da temática. No entanto, acredito ser este o início para um trabalho mais detalhado e organizado futuramente, procurando acrescentar ideias mais consistentes que faltaram devido a minha inabilidade de entender e transcrever o que li de acordo com o real significado das coisas.

Assim sendo, buscar a compreensão de como se dá a educação escolar indígena e sua apropriação pelos indivíduos aqui retratados, procurando fazer um relato de sua trajetória escolar em comparação com o processo histórico em que estão envolvidos, foi o ponto crucial desta pesquisa, haja vista todo um contexto histórico, permeado de obstáculos e de influências políticas e religiosas. Dados esses elementos, a trajetória do povo indígena tomou grandes proporções, levando-os a um clima de conflito e total vulnerabilidade diante dos desmandos a que foram submetidos.

Nessa seara, a formação de professores indígenas mostra-se como um processo complexo e que envolve saberes já sedimentados. Esse contexto, todavia, urge ser superado de modo a se oferecerem outras práticas que busquem articular meios para mudar a realidade: é preciso sair do modelo tradicional de ensino e buscar argumentos concretos para a construção do conhecimento, inovando o currículo para uma prática que traga resultados diferentes, com objetivos que apresentem o novo ao que já é conhecido.

Com vimos, o processo formativo dos povos indígenas teve um novo enfoque a partir da Constituição Federal de 1988, que ofereceu um significado genuíno ao processo de escolarização dessa população, tornando acessível a apropriação de uma escola com métodos que abordem os temas interculturais, bilíngue, diferenciados e de qualidade e se libertando do modo civilizador por que essa educação foi conduzida até chegar aos tempos atuais. de acordo com o SECAD/MEC (2007), a Constituição de 1988:

[...] Serviu como alavanca em um processo de mudanças históricas para os povos indígenas no Brasil. A partir dela a relação entre o Estado brasileiro e os povos indígenas se transforma e a política estatal indigenista, de caráter integracionista e homogeneizador, vigente desde o período colonial, dá lugar



a um novo paradigma, no qual esses povos passam a ser considerados como sujeitos de direitos (SECAD, 2007, p. 16).

Para a apropriação desse ensino de qualidade, foi preciso que se voltasse o olhar para a formação desses indivíduos, buscando adentrar em seu mundo e perceber como eles estão envolvidos em sua cultura e em seu modo de saber totalmente diferenciado do ensino universal, e com isso formalizar métodos que atendam a seus anseios, inserindo-os no conceito de um mundo globalizado e pertencente a todos, sem, no entanto, anular suas origens.

Vários estudos deram suporte para a elaboração de um currículo de Licenciatura Intercultural Indígena “Povos do Pantanal” pertinente às necessidades de cada etnia. Contudo, seria ingênuo afirmar que esse currículo atende plenamente aos objetivos de toda a comunidade indígena, mas convém considera-lo um ponto de partida para o atendimento às exigências indígenas, visto que a partir dele essas populações adquirem uma nova percepção de seus valores, deveres e direitos como cidadãos, diferentes daqueles a que foram submetidos.

Assim, as práticas sociais entre os indígenas e a sociedade envolvente começam a ter um outro sentido, eliminando a sensação de exclusão para dar início ao pertencimento e à apropriação de identidade, pelos quais as questões de educação tornam-se princípios fundamentais para a afirmação de sua cultura, de seus saberes e dos objetivos a serem alcançados. Notório se faz discutir, pois, as questões relevantes para a inserção de uma educação de qualidade voltada para os interesses do indivíduo e de sua comunidade, tendo em vista o bem estar coletivo.

Nesse contexto, os acadêmicos do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena “Povos do Pantanal” da UFMS de Aquidauana, protagonistas desta pesquisa, possibilitam a elaboração de questionamentos que, no decorrer do processo de investigação, foram se mostrando imprescindíveis para as concepções que seriam absorvidas a partir de seus depoimentos em conformidade com as leituras indicadas. Verificou-se, assim, que muitas questões emergem buscando soluções definidas em seu processo de aprendizagem.

O ambiente escolar, por exemplo, deve ser um espaço em que as diferenças devem ser vistas como particularidades e não como obstáculos que impeçam o aprendizado ou como forma de discriminação que leva à exclusão. Para tanto, há a necessidade de uma educação específica e de qualidade, que deve ter seus princípios voltados à inserção do indivíduo, seja ele indígena ou não, e de políticas públicas que visem garantir os direitos indígenas.

As ações governamentais vigentes promovem uma conexão entre os setores públicos e as necessidades da população indígena. Todavia, os critérios propostos por elas nem sempre estão ao alcance de todos, na medida em que essa educação é concretizada na escola. Nas falas dos acadêmicos, muitos deles colocaram as dificuldades encontradas em seu processo de aprendizagem, de modo que, a partir delas, procuram modificar sua visão de mundo por meio do curso. Dessa forma, eles buscam novos valores para preservar sua identidade indígena, que vem sendo negada pela sociedade envolvente e pela escola tradicional.

Sobre o tema, os textos estudados possibilitaram a compreensão da dinâmica dessa proposta de ensino, que procura de uma forma objetiva modificar tudo o que foi tomado como definido em termos de educação indígena. A partir desse novo olhar, uma nova perspectiva de ensino começa a frutificar, promovendo uma educação renovada, seja ela voltada ao indígena ou ao não indígena.

Frente ao exposto, vemos que, até chegarmos ao contexto atual de educação escolar indígena, muitas barreiras precisaram ser ultrapassadas e novos caminhos delineados, caminhos esses mostrados pelos próprios indígenas em conformidade com sua visão de mundo. Neste trabalho, foram tratados de forma singular os aspectos que envolvem a educação diferenciada e específica, a partir da descrição dos acadêmicos no que diz respeito a sua trajetória de vida até chegarem à universidade. Suas narrativas demonstram a importância do seu valor histórico, que não os desqualifica, mas, ao contrário, possibilita a esses indivíduos uma visão objetiva de sua realidade e a transformação dessa realidade.

Além disso, novas abordagens em relação à educação escolar indígena sugerem que a cultura universal não deve desconsiderar o modelo tradicional, mas apresentar a diversidade cultural, mostrando que ambos caminham lado a lado, cada um contribuindo de maneira particular ao processo de desenvolvimento de toda a sociedade. Essa conclusão foi possível partindo da descrição e da análise das produções acadêmicas que mostraram todo esse contexto histórico, evidenciando os aspectos indispensáveis para assegurar os direitos e a inserção dos povos indígenas na sociedade de forma plena.

Isso porque o indivíduo indígena, como outro qualquer, deve ser entendido a partir de sua realidade e de toda sua história, imbuída de crenças e valores ainda não superados. Por isso, deve-se privilegiar uma alteração dessa posição determinada pela sociedade envolvente, promovendo uma ruptura com a educação tradicional e articulando processos que deem estrutura para uma nova base educacional. Isso implica dizer que:

Na história da renovação das práticas pedagógicas e curriculares da escola indígena, algumas ideias se firmaram a partir da reflexão e ação promovidas pelas experiências inovadoras conduzidas pelas organizações de apoio aos povos indígenas e da mobilização de professores e lideranças indígenas interessadas em uma educação escolar que contribuísse para sua autonomia (SECAD, 2007, p. 19).

A temática em questão não pode ser tomada como concluída, posto que requer estudos mais aprofundados, uma vez que vários fatores envolvidos ainda precisam ser entendidos e direcionados em busca de soluções por meio de amparo legal, de maneira a estruturar positivamente seu tratamento, trazendo resultados significativos em relação à educação e preservação da cultura indígena.

Trata-se de um processo lento e que demanda conscientização do poder público, da sociedade envolvente e dos próprios indígenas, com o fito de observar a importância desse processo de autonomia e cidadania e tornar aplicáveis os direitos de todos os indivíduos.

Finalmente, é preciso entender os conhecimentos teóricos sistematizados, mas também é essencial buscar a realidade em que o indígena está inserido para poder atender suas reais necessidades. Esse conhecimento não deve estar atrelado a um processo de resistência; ao contrário, deve estimular o potencial desses povos, além de agregar valores aos já constituídos.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, J. P. Novos atores e novas cidadanias: o reconhecimento dos direitos dos povos indígenas a uma educação escolar específica, diferenciada, intercultural e bilíngüe/multilíngüe. **In: Congresso Brasileiro de Qualidade na educação – formação de professores.** SEF/MEC. Brasília, v. 4, p. 20 a 24. 2002.
- BERGAMASCHI, M. A. **Tradição e memórias práticas escolares Kaingang e Guarani.** Currículo sem Fronteiras, v. 10, n.1, pp. 133-146, jan/jun 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Educação Escolar indígena: diversidade sociocultural indígena ressignificando a escola.** SECAD/MEC. Brasília, 2007.
- CHAMORRO, G & COMBÈS, I. (ORGS.). **Povos Indígenas em Mato Grosso do Sul.** História, cultura e transformações sociais. Dourados-MS. Ed. UFGD, p.19-24. 2015.
- CONEEI, II: Conferência Nacional de Educação Escolar Indígena: DOCUMENTO – REFERÊNCIA/ [Elaborado pela] Comissão Organizadora Nacional. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (Secadi), [2016]. ...p.: il.
- GRUPIONI, L. D. B. Contextualizando o campo da formação de professores indígenas no Brasil(2004). In: GRUPIONI, L. D. B. **Formação de professores Indígenas: repensando trajetórias.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, p. 39-68. 2006.
- GRUPIONI, L. D. B. (ORG). **Formação de professores indígenas: repensando trajetórias.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006.
- LUCIANO, G. J. S. **O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje.** Coleção Educação para todos. Brasília: MEC/Secad; LACED/Museu Nacional. 2006.
- MAHER, T. M. Formação de professores indígenas: uma discussão introdutória. In: GRUPIONI, L. D. B. **Formação de professores indígenas: repensando trajetórias.** Brasília: MEC/SEC/SEDUC, p. 11-38. 2006.
- MAHER, T.J.M. **Ser professor sendo índio: questões de língua(gem) e identidade.** Instituto de Estudos da Linguagem. UNICAMP, p. 01 a 262. 1996.
- MILHOMEM, M. S. F. dos S. **Educação Escolar Indígena: as dificuldades do currículo intercultural e Bilingüe.** Sergipe. Ano 2, volume 3 – p. 95-102 – jan-jun 2008.
- NASCIMENTO, A. C. & VIEIRA, C. M. N. A Escola indígena Guarani e Kaiowá em Mato Grosso do Sul: **experiência emancipatória de educação indígena**<sup>1</sup>. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH . São Paulo, julho 2011.

NINCAO, O. S. **KÓHO YOKO HOVÔVO / O TUIUIÚ E O SAPO: Biletramento, Identidade e Política Linguística na Formação Continuada de Professores Terena. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade de Campinas, Campinas, SP, 2008.**

Povos Indígenas no Brasil. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt> Acesso em 11 de Outubro de 2017.

Senado Federal. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. **Referenciais para a formação de professores indígenas.** SECAD/MEC. Brasília, 2005.

SOUZA, I. de. Povos Indígenas e o Tema da Diversidade Linguística. In: URQUIZA, A. H. A. **Culturas e história dos povos indígenas em Mato Grosso do Sul.** Campo Grande-MS, p. 73-105. 2013.

UFMS. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena Povos do Pantanal/CPAQ.** Aquidauana: UFMS, 2012.

URQUIZA, A. H. A. (ORG). **Antropologia e História dos Povos Indígenas em Mato Grosso do Sul.** Campo Grande-MS, 2016.

VIEIRA, C. M. N. Sociodiversidade Indígena no Brasil e em Mato Grosso do Sul. In: URQUIZA, A. H. A. **Culturas e história dos povos indígenas em Mato Grosso do Sul.** Campo Grande-MS, p. 13-51. 2013.

## REFERÊNCIAS ICONOGRÁFICAS

Imagem 01. MAGRITTE, R. 1921. **O Falso Espelho**. Disponível em: <https://www.wikiart.org/pt/rene-magritte> . Acesso em 26 de setembro de 2017.

Imagem 02. MAGRITTE, R. s.d. **O Olho**. Disponível em: <https://www.wikiart.org/pt/rene-magritte> . Acesso em 26 de setembro de 2017.

Imagem 03. Sem identificação. Disponível em: [http://www.uems.br/assets/uploads/cursos\\_pos/cf56c0d8020c416fb02f65f15e977953/tese\\_s\\_dissertacoes/3\\_cf56c0d8020c416fb02f65f15e977953\\_2016-10-04\\_11-07-01.pdf](http://www.uems.br/assets/uploads/cursos_pos/cf56c0d8020c416fb02f65f15e977953/tese_s_dissertacoes/3_cf56c0d8020c416fb02f65f15e977953_2016-10-04_11-07-01.pdf). Acesso em 26 de setembro de 2017.

Imagem 04. MAGRITTE, R. 1963. **O Telescópio**. Disponível em: <https://www.wikiart.org/pt/rene-magritte> . Acesso em 26 de setembro de 2017.

Imagem 06. MAGRITTE, R. 1933. **A Condição Humana**. Disponível em: <https://www.wikiart.org/pt/rene-magritte> . Acesso em 26 de setembro de 2017.

Imagem 07. MAGRITTE, R. 1936. **A Chave dos Campos**. Disponível em: <https://www.wikiart.org/pt/rene-magritte> . Acesso em 26 de setembro de 2017.

Imagem 08. DALI, S. 1925. Moça de pé na Janela. Disponível em: <https://taislc.blogspot.com.br/2010/02/o-pai-do-pintor-salvador-dali.html>. Acesso em 06 de novembro de 2017.

Imagem 10. MAGRITTE, R. 1925. **The Window**. Disponível em: <https://www.wikiart.org/pt/rene-magritte> . Acesso em 26 de setembro de 2017.

Imagem 11. IRIGARAY, C. 2013. **Cores do Mato**. Disponível em: <http://coresdomato.blogspot.com.br/2013/09/clovis-huguene-yirigaray-e-impossivel.html> Acesso em 26 de setembro de 2017.

Imagem 12. IRIGARAY, C. 1975. **Série Xinguana**. Disponível em: <http://dacc.univasf.edu.br/?p=720>. Acesso em 26 de setembro de 2017.

Imagem 13. IRIGARAY, C. 1975. **Amazônia Legal**. Disponível em: <http://falandodeartenaescola.blogspot.com.br/2011/11/arte-no-ensino-medio-3ano-4-bimestre.html>. Acesso em 26 de setembro de 2017.

Imagem 14. IRIGARAY, C. 1975. **Astronauta**. Disponível em: <http://falandodeartenaescola.blogspot.com.br/2011/11/arte-no-ensino-medio-3ano-4-bimestre.html>. Acesso em 26 de setembro de 2017.

Imagem 15. IRIGARAY, C. s.d. **Índio na Canoa**. Disponível em: <http://semiedu2013.blogspot.com.br/2013/03/clovis-huguiney-irigaray-pintor.html>. Acesso em 26 de setembro de 2017.

Imagem 16. Sem identificação. Disponível em: [http://www.uems.br/assets/uploads/cursos\\_pos/cf56c0d8020c416fb02f65f15e977953/tese](http://www.uems.br/assets/uploads/cursos_pos/cf56c0d8020c416fb02f65f15e977953/tese)

s\_dissertacoes/3\_cf56c0d8020c416fb02f65f15e977953\_2016-10-04\_11-07-01.pdf. Acesso em 26 de setembro de 2017.

Imagem 17. IRIGARAY, C. 1996. **Índia Amamentando**. Disponível em: <http://semiedu2013.blogspot.com.br/2013/03/clovis-huguiney-irigaray-pintor.html>. Acesso em 26 de setembro de 2017.

Imagem 18. IRIGARAY, C. 1975. **Universidade na Selva**. Disponível em: <http://falandodeartenaescola.blogspot.com.br/2011/11/arte-no-ensino-medio-3ano-4-bimestre.html>. Acesso em 26 de setembro de 2017.

## ANEXO

**Registro de Memória de Formação: Sexo: Idade:**

**Etnia: Local de Nascimento:**

**Aldeia:**

Momento reflexivo sobre as discussões propostas em sala de aula:

Analise com atenção a apresentação das imagens. Busque responder as questões a partir das leituras e das suas memórias de formação escolar, bem como a sua história de vida. O mais importante é considerar a sua visão de mundo e a partir das reflexões que desenvolvemos em sala de aula com o apoio dos teóricos da Psicologia da Educação.

Orientações: Observe as primeiras imagens, reflita e responda as questões elegendo uma imagem para exemplificar suas respostas:

1. Como você se define como acadêmico do Curso de Licenciatura Indígena da UFMS? Qual é o seu olhar sobre a os conteúdos estudados na Universidade?
2. O que remete as imagens dos diferentes tipos de janelas e caminhos diante do seu processo de aprendizagem?
3. Como você vivenciou o período da sua formação na Educação Básica, no Ensino Médio até a entrada no Curso de Graduação? Relate como foi a sua relação com a Escola.
4. Quais os valores foram construídos ou desconstruídos nessa trajetória universitária? Isso te ajudou ou te prejudicou? Conte-nos sobre esse período.
5. Que tipo de educação você recebeu em casa, na Escola e na Universidade? Comente.
6. Qual a sua compreensão sobre o desenvolvimento da criança indígena a partir das leituras feitas na disciplina de Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem? Como esses conteúdos podem ser considerados nas práticas pedagógicas do professor?
7. Como é ser e viver a indianidade na sociedade brasileira atual?
8. Quais os elementos que você considera importante em sua identidade indígena diante das relações de contato na Universidade?
9. Como se constitui a relação dos povos indígenas na cidade? Descreva como são as suas experiências quando está no espaço urbano.
10. A sua formação acadêmica trouxe e/ou oportunizará mudanças em sua vida? Quais? Novas relações?
11. Como você se vê como futuro professor e/ou professora?
12. Que tipo de Professor você almeja ser? Como pretende desenvolver a sua prática pedagógica, com o auxílio dos teóricos da psicologia da educação?



13. Faça uma relação sobre o professor e/ou a professora que você será e os professores e/ou a professoras que passaram pela sua formação escolar.

14. Quais são os caminhos que serão traçados por você após sua formação para atuar como professor(a)? Novos caminhos a serem construídos e outros esquecidos? Por que?

Desejo para você uma excelente formação na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Profa. Dra. Léia T. Lacerda.